



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

A FOFOCA ALÉM DO SENSO COMUM

Guilherme Britto da Silveira

Rio de Janeiro/RJ
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

A FOFOCA ALÉM DO SENSO COMUM

Guilherme Britto da Silveira

Monografia de graduação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Publicidade e Propaganda.

Orientador: Prof. Ms. Anderson de Almeida Cano Ortiz

Rio de Janeiro/RJ
2014

A FOFOCA ALÉM DO SENSO COMUM

Guilherme Britto da Silveira

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Publicidade e Propaganda.

Aprovado por

Prof. Ms Anderson de Almeida Cano Ortiz

Prof. Dr. Marcio Tavares d'Amaral

Prof. Ms Camila Augusta Pereira Alves

Aprovada em:

Grau:

Rio de Janeiro/RJ
2014

SILVEIRA, Guilherme Britto

A fofoca além do senso comum: Suas funções e importância social./ Guilherme Britto da Silveira – Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2014.

Número de folhas (55 f.).

Monografia (graduação em Publicidade e Propaganda) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2014.

Orientação: Anderson de Almeida Cano Ortiz

1. Fofoca. 2. Sociedade. 3. Comunicação. I. SILVEIRA, Guilherme (Anderson de Almeida Cano Ortiz) II. ECO/UFRJ III. Publicidade e Propaganda IV. A fofoca além do senso comum

AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar à minha família por toda estrutura e apoio independente das dificuldades. Minha mãe e meu pai pela constante preocupação. Meus avôs pelo exemplo. Meus irmãos pela eterna parceria. Em especial à minha avó Olga.

Aos amigos, da faculdade e de fora dela, que me acompanharam nessa caminhada, que entenderam minhas ausências e se fizeram sempre presentes. Em especial ao Rafael e ao César, sem eles talvez esse trabalho nunca tivesse sido concluído. À minha namorada que me agüentou nesse período e sentou do meu lado para estudar durante noites e mais noites.

Ao meu orientador, Anderson Ortiz por acreditar em mim, no tema e por se mostrar sempre tranquilo e confiante.

À UFRJ por todas as experiências únicas e à todos os professores que dividiram comigo um pouco do seu conhecimento e abriram minha cabeça para novas perspectivas. Em especial ao Márcio D'amaral pela paixão pelo ensino e ao Renzo Taddei pela capacidade de despertar em seus alunos a paixão pelos temas ensinados.

Aos obstáculos, pois sem eles eu jamais saberia que sou capaz

Todos foram e são parte essencial na formação daquilo que sou e que serei. Obrigado.

“Any appearance of idleness is a façade to mask its seriousness”
(Wert & Salovey – 2004)

SILVEIRA, Guilherme Britto. **A fofoca além do senso comum**: Suas funções e importância social. Orientador: Anderson de Almeida Cano Ortiz. Rio de Janeiro, 2014. Monografia (Graduação Em Publicidade e Propaganda) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. UFRJ.

RESUMO

A fofoca é um meio de comunicação através do qual circulam a todo instante uma quantidade gigantesca de informações. Apesar de possuir diversas funções sociais importantes para a manutenção dos vínculos sociais e para a compreensão que o ser humano precisa ter do ambiente que o cerca, a fofoca é vista como comportamento inadequado em muitas culturas. Para buscar desfazer essa visão distorcida, diversos autores que já escreveram sobre o tema foram analisados e foram revistas inúmeras funções importantes da prática da fofoca como sua importância na criação de laços, espelhamento e comparação, fonte de acesso a informações e entretenimento. A fofoca pode inclusive ter sido um traço evolutivo, determinante para a sobrevivência de grandes grupos que formaram as sociedades. Então não faz sentido marginalizar, censurar e reprimir uma prática tão antiga, tão comum e principalmente tão importante socialmente. A fofoca coloca o indivíduo em conflito uma vez que aqueles que a censuram também a praticam. Sem ignorar seus perigos e suas consequências, é preciso encará-la como uma prática natural, intrínseca ao comportamento do ser humano dentro de uma sociedade.

Palavras-chaves: (Fofoca; Sociedade; Comunicação; Informação).

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	
2. SOBRE A FOFOCA – O QUE ANDAM DIZENDO POR AÍ.....	
2.1 Contextualização.....	
2.2 Por que a fofoca é mal vista?.....	
2.3 Comparação social através da fofoca.....	
2.4 Fofoca e informação.....	
2.5 Fofoca, influência e criação de laços.....	
2.6 Fofoca, narrativa e entretenimento.....	
3. A TEORIA APLICADA.....	
3.1 As manchetes de fofoca.....	
3.2 A Rádio Corredor.....	
3.1 O caso Fabiane.....	
4. METODOLOGIA.....	
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	
REFERÊNCIAS.....	

1. INTRODUÇÃO

A fofoca é vista pela grande maioria das pessoas como conversa ociosa, maliciosa, cujos objetivos são egoístas e as consequências destrutivas. A fofoca frequentemente é definida como “coisa de quem não tem mais o que fazer” e aqueles considerados fofocueiros são igualmente julgados como mensageiros frívolos de notícias que não merecem credibilidade. Existe, no entanto, nesse julgamento uma grande hipocrisia coletiva, uma vez que em um momento ou em outro todos nós acabamos engajados no ato de fofocar. Nesses casos pode-se até disfarçar as intenções ou mesmo renomear a prática “é apenas troca de informação”, mas a verdade é que a estrutura é basicamente a mesma.

O presente trabalho tem como objetivo ir além dos conceitos definidos como senso comum sobre a fofoca. Através da revisão de estudos de diversos autores sobre o tema buscaremos definir o que caracteriza a fofoca, como ela se comporta enquanto meio de comunicação, o que leva tantas pessoas em tantos momentos a lançar mão dessa prática ainda que para isso muitas delas tenham que ir contra as próprias normas, quais são as suas funções, sua importância e suas implicações.

Inicialmente vamos colocar a fofoca dentro de um diferente contexto, buscar informações sobre suas origens e entender o seu papel na sociedade destilando suas funções de acordo com as propostas dos autores estudados. Definição, etimologia, história, e até mesmo a possibilidade de que ela represente um fator evolutivo para buscar entender trata-se de uma característica humana importante que se tornou mal vista.

Por que será que a fofoca é socialmente reprovada? Nesse ponto buscaremos entender quais são os fatores que levam uma prática tão comum, antiga e amplamente difundida a ser marginalizada pela sociedade. Por que as pessoas que a condenam no nível social, a praticam com igual intensidade no nível individual. A fofoca é mesmo uma coisa ruim? Ou a visão negativa da fofoca é socialmente construída. Essas são as perguntas que buscaremos debater neste tópico. Posteriormente trataremos de dividir a fofoca de acordo com as funções sociais apontadas pelos autores.

As pessoas usam a fofoca para se comparar, seja com outros semelhantes, com indivíduos mais ou menos afortunados do que elas. Pode ser comparações com membros do grupo ou entre o grupo e os que estão fora dele. Comparam-se até com entidades idealizadas ou fazem comparações emocionais. Buscaremos através dos pensamentos dos autores explicar o que motiva cada um desses tipos de comparação e os sentimentos que são capazes de gerar.

Uma vez entendida a necessidade de comparação, poderemos vislumbrar os motivos que levam os indivíduos a fazer esse tipo de fofoca.

A fofoca como meio para se obter informações visto que conhecer o ambiente social no qual se encontra, é necessário para que um indivíduo consiga se situar e funcionar bem. Como é impossível estar presente em todos os lugares ao mesmo tempo, como a fofoca pode funcionar como uma memória coletiva a qual só se pode ter acesso na qualidade de membro da rede. Como isso pode ser estratégico e como esse fator pode gerar relação de poder e de troca.

Em seguida trataremos da força da fofoca na geração e manutenção de vínculos, capacidade essa que pode ter sido inclusive determinante para a sobrevivência dos grupos sociais em tempos remotos. Veremos também como esses vínculos geram uma série de obrigações e como a fofoca se transforma em um mecanismo de policiamento do comportamento. Como pode a fofoca cercar as ações dos indivíduos? O que pode acontecer aos indivíduos que não se submetem às normas impostas pela vigilância dos rumores?

Além de inúmeras funções sociais, veremos que a fofoca possui também um caráter de entretenimento. Aonde se apóia o caráter lúdico da fofoca e em que sentido isso tem relação com as estruturas narrativas são questões que serão abordadas. Como podem os indivíduos viver as transgressões sociais através da fofoca sem arriscar seu prestígio diante do grupo. A fofoca de celebridade e os escândalos midiáticos exercem um apelo tão forte sobre as pessoas, seu funcionamento e a indústria que se forma ao redor dessa prática são fatores a serem explorados com a ajuda dos autores.

Depois de explorar as teorias elaboradas a respeito da fofoca, buscaremos observar os conceitos apresentados de maneira mais tangível, trazendo-os para situações reais de fofoca e traçando os devidos comparativos. Afinal, muitas vezes é difícil vislumbrar determinados conceitos que são elaborados baseados em análise profunda sobre as sutilezas humanas.

Tendo mergulhado nas diversas teorias sobre as funções sociais da fofoca e observado como elas funcionam em situações cotidianas, buscaremos então tirar as conclusões sobre a importância desse meio de comunicação e as justificativas para seu posicionamento dentro do imaginário coletivo. Propor possíveis abordagens e apontar aspectos que merecem futura atenção acadêmica.

O objetivo desse estudo é, portanto, lançar um olhar científico sobre uma prática humana que existe em diferentes culturas e data possivelmente do advento da fala. Uma prática que ocorre todos os dias a todo momento e que é vista de maneira distorcida pelo

senso comum. A discussão sobre esse tema pretende ajudar a elucidar sua verdadeira face e refutar a visão marginalizada, buscando fazê-lo de maneira responsável e imparcial. Admitindo sua importância e seus perigos. Vencer o preconceito sobre esse assunto que é uma espécie de tabu na nossa sociedade é o primeiro passo para se aprofundar nos estudos sobre ele.

2 SOBRE A FOFOCA – O QUE ANDAM DIZENDO POR AI

2.1 – Contextualização

Abordar a fofoca levanta de imediato certa polêmica no que diz respeito ao seu uso comum e ao seu caráter marginalizado enquanto veículo de comunicação. A fofoca tem a reputação de ser um fenômeno associado a indivíduos ociosos que desejam denegrir a imagem de terceiros. Nas palavras de Elias e Scotson: “o uso comum nos inclina a tomar por fofoca, em especial, as informações mais ou menos depreciativas sobre terceiros, transmitidas por duas ou mais pessoas umas às outras.” (ELIAS, SCOTSON, 2000, p.121). De fato, o ócio e a reputação de terceiros estão frequentemente ligados a esse gênero de discurso, entretanto, como muitos psicólogos e antropólogos já mostraram, é muito mais do que somente isso. Talvez, a fofoca seja parte integrante da natureza humana, praticada por todas as pessoas em todas as culturas, incluindo aqueles que a condenam. Já foi observada em diversas culturas e sua origem pode até mesmo estar associada ao advento da fala.

A origem da palavra nos ajuda a entender o seu significado. Sobre o termo em português “fofoca” pouco foi encontrado sobre sua origem. O dicionário Houaiss cita o trabalho da etnolinguista baiana Yeda Pessoa de Castro para defender a origem africana da palavra. Ela teria sua origem em uma das línguas do grupo banto e teria como significado “revolver, remexer”. Segundo o Oxford English Dictionary, a origem da palavra em inglês “gossip” vem das palavras “god” e “sibb”, que literalmente significam “enviado de deus”. Era usado para se referir ao padrinho da criança no nascimento indicando pertencimento, conhecimento. Depois passou a ser usado para se referir a uma pessoa (geralmente mulher) que se diverte com conversas informais ociosas. Uma tagarela.

No século XIV o termo se afastou daquele que fala (adjetivo) para o ato de se falar (verbo). O verbo “to gossip” aparece pela primeira vez em Shakespeare. A origem desse termo vem do momento do parto. Antigamente, dar à luz se transformava em um verdadeiro evento social feminino, no qual as mulheres da família e amigas da grávida se reuniam no quarto para esperar o nascimento. Como havia muita conversa nessas reuniões e muitas vezes terceiros eram assuntos em pauta, “gossip” passou a significar “falar dos outros”.

Talvez isso ajude a entender o motivo pelo qual a fofoca – justa ou injustamente – esteja constantemente relacionada às mulheres mesmo sabendo que o ato de fofocar em si é uma característica humana independente de gênero. Homens, apesar de muitas vezes não

admitirem, fofocam tanto quanto as mulheres embora em geral possam existir diferenças de conteúdo.

Inúmeros estudos foram realizados ao longo dos anos abordando meios de comunicação como rádio, jornal, televisão, internet e outros. Incansável escrutínio acerca de sua função social e sua participação na formação de opinião. Pode-se observar uma grande preocupação das ciências sociais em entender os meios pelos quais a informação circula. Então porque não lançar um olhar científico sobre uma das mais comuns e antigas formas de comunicação existentes? Praticada diariamente e em larga escala pela esmagadora maioria das pessoas. Segundo Foster (2004, p.78) “é um importante comportamento social que quase todos experimentam, contribuem para que aconteça e presumidamente intuitivamente compreendem”¹. Ainda assim, os estudos sobre a fofoca são poucos se comparado ao tempo que é dedicado à prática e à quantidade de informação que circula através desse canal.

Primeiramente, deve-se buscar entender o que caracteriza a fofoca. Os estudiosos do assunto parecem concordar que a fofoca ocorre quando dois ou mais indivíduos se reúnem para falar informalmente sobre um terceiro ou terceiros ausentes. Pode ser para relatar fatos a respeito daquele elemento ou simplesmente discorrer sobre ele de forma que se coloque em pauta o seu prestígio diante daqueles que se encontram engajados no ato da fofoca.

Outro fator importante para que a comunicação seja considerada fofoca é que os participantes detenham certo grau de proximidade ou conhecimento sobre quem se fofoca. Dessa forma, sabemos que podemos comparar esses indivíduos com o grupo de maneira mais próxima. “não se faz fofoca sobre estranhos, pois a estes não se impõem as mesmas normas” (Fonseca, 2004). Outro motivo é que sobre aqueles que conhecemos o interesse da fofoca parece maior, a informação mais tangível. “Não importa quão saliente ou escandalosa é a informação, não é fofoca a menos que os participantes saibam o suficiente sobre as pessoas envolvidas para experimentar a emoção da revelação”² (YERKOVICH *apud* FOSTER, 2004)

Outros ainda dizem que se consegue observar esse fenômeno mesmo quando a terceira parte (alvo da fofoca) está presente como em situações tais quais: crianças que revelam segredos na frente dos alvos da fofoca; programas de celebridades nos quais se fala aberta e publicamente da vida dos famosos que podem estar assistindo tanto quanto qualquer outro telespectador ou mesmo na presença do alvo da fofoca através de sinais, gestos ou

¹“It is an important social behavior that nearly everyone experiences, contributes to, and presumably intuitively understands.”

²“information, no matter how salient or scandalous, isn’t gossip unless the participants know enough about the people involved to experience the thrill of revelation”

códigos verbais que ele não compreenda. Essas manifestações, apesar de já terem sido retratadas em outros estudos, representam casos raros e serão, portanto tratadas aqui como exceção.

A fofoca também não pode ser vista de maneira isolada. Deve-se levar em consideração o contexto no qual ocorre particularmente do grupo em questão e suas normas sociais. “A fofoca, em outras palavras, não é um fenômeno independente. O que é digno dele depende das normas e crenças coletivas e das relações comunitárias” (ELIAS, SCOTSON, 2000, p.121). Isso por conta do caráter regulador da fofoca sobre o comportamento. A fofoca pode ser positiva ou negativa, dependendo se as atitudes do seu alvo estão se aproximando ou se afastando das normas sociais do grupo em questão. Se o indivíduo reafirma as normas valorizadas pelo grupo, tende a ser bem falado (fofoca boa). A partir do momento que ele se afasta desses valores, a tendência é que o tom seja de condenação (fofoca ruim). Ao fofocar, aqueles que o fazem, colocam-se na posição de defensores dos valores do grupo reafirmando suas normas e fortalecendo tanto a coesão do grupo quanto seu próprio pertencimento. Fica evidente aqui umas das principais funções sociais da fofoca.

Um conceito que em diversos momentos pode ser aplicado ao analisar a fofoca é o proposto pela socióloga e cientista política alemã Elizabeth Noelle-Neumann. “A espiral do silêncio” (1984). Essa teoria, a princípio baseada em pesquisas sobre os efeitos dos meios de comunicação, possui aplicações em diversas outras esferas. Para Noelle-Neumann as pessoas possuem certa sensibilidade a respeito de qual é a opinião hegemônica. Com essa sensibilidade e com o medo de, ao expor uma opinião divergente se ver isolado do seu grupo de convívio, preferem omitir sua opinião e se aproximar da opinião que julgam ser a dominante. Dessa forma reforçam a impressão de dominância e cada vez mais outros indivíduos passam a omitir suas opiniões divergentes e se fechar na espiral. Ou seja, quanto mais minoritária for a opinião, maior a tendência de que ela não se manifeste.

A fofoca pode ser justamente uma das formas de se quebrar essa espiral. Como muitas vezes os membros sentem necessidade de se expressar sem, entretanto querer ter um conflito aberto e direto com o que julgam ser a opinião dominante do grupo, podem acabar buscando outros membros com os quais se identifiquem, acreditando que esses estejam mais suscetíveis às suas considerações. Utilizando esse caminho alternativo e informal é possível descobrir aos poucos que a opinião do grupo não é tão alinhada com a que se julgava dominante.

Essa teoria tem a ver com a constante exposição de posicionamentos na mídia, com o formato semelhante nos quais as notícias são produzidas e veiculadas, o excesso de

exposição de determinados pontos de vista e o fato de a mídia estar em “todos os lugares”. Entretanto, é possível identificar paralelismo na fofoca, principalmente se olharmos para ela como veículo de comunicação.

Segundo Monique Augras (1970) a formação da opinião é formada por três fatores determinantes: os fatores psicológicos, nível interpessoal, forma atitudes e opiniões (ideologias); os fatores sociológicos, nível social, constroem as atitudes do grupo de acordo com suas particularidades; fatores circunstanciais, nível histórico, desencadeiam a conscientização da opinião pública. A fofoca é um fenômeno de nível social que surge a partir de motivações de nível individual. Da mesma forma, a censura à fofoca em si é social e o medo de ser alvo de fofocas é individual.

Em relação ao tempo dedicado à fofoca Foster (2004) observa que pode chegar à 70% do tempo total de conversação. Sendo que desse tempo, pouco é de fato destinado a conversas maliciosas a respeito de terceiros. Esses números não consideram, no entanto apenas assuntos sobre pessoas ausentes ao definir a fofoca, portanto os números seriam substancialmente menores. Da mesma forma, estudos mostram que até 14% do tempo dos intervalos no ambiente de trabalho são dedicados à fofoca. Sendo que esses números contemplam apenas a fofoca negativa, dessa forma, os números podem ser maiores se incluirmos a fofoca positiva. Devido a tantas variáveis, existem muitas dificuldades para se precisar o tempo que as pessoas dedicam à fofoca, mas sabe-se que é um tempo considerável, além do que, muitos escritores defendem que, o indivíduo que não participa de fofoca corre o risco de ser rapidamente marginalizado pelo restante do grupo.

Em McAndrew, Bell e Garcia (2007) algumas métricas são propostas. A fofoca foi classificada de acordo com diversos cenários diferentes em relação a probabilidade de ser espalhada ou com quem cada pessoa estaria mais propensa a dividir determinada informação de acordo com seu conteúdo e sobre quem se falava. Notícias prejudiciais sobre inimigos e notícias positivas sobre pessoas queridas tiveram maior apelo para serem repassadas. Além de notícias sobre parceiros românticos, homens e mulheres pareceram estar mais interessados em notícias sobre pessoas do mesmo sexo e enquanto homens demonstraram maior propensão a contar as notícias para suas parceiras, elas incluíam também suas amigas na lista de prováveis receptores.

Também é importante observar que a fofoca não é um fenômeno recente. Trata-se na realidade de algo que acompanha o ser humano desde que esse começou a se organizar em grupos ainda nos tempos das cavernas. Dumber (2004) sugere que a fofoca funciona como um mecanismo para a criação de vínculos dentro de um grupo social sendo inclusive um traço

evolutivo. Para ele, a fofoca representa um ganho determinante para a sobrevivência da espécie. “Sem a fofoca, não haveria sociedade. Em resumo, a fofoca é o que torna a sociedade humana como conhecemos possível.”³ (DUMBAR, 2004, p.100)

Ele explica que, nos grupos primatas assim como em qualquer grupo social, inevitavelmente em diversos momentos o interesse individual entrava em conflito com o interesse do grupo. Ainda assim é mais vantajoso para o indivíduo permanecer no grupo e gozar dos seus privilégios do que se isolar, satisfazer seus desejos individuais e ficar exposto sem a proteção que o grupo oferece. Para lidar com o estresse causado por esse conflito, os primatas utilizavam o aliciamento ou a criação de vínculo entre eles. O processo de criação de vínculo era através de contatos físicos que liberavam endorfina. Essa criação e a manutenção de vínculos demandavam constante esforço e tempo por parte dos integrantes do grupo. Como o grupo ainda precisava cumprir com algumas necessidades básicas para sua sobrevivência como, por exemplo, procurar alimentos, existia um limite de tempo que se podia dedicar a esse esforço de manutenção de vínculos sociais. Ou seja, conseqüentemente existia um limite de membros possíveis dentro do grupo.

Ao passo que as sociedades humanas com o passar do tempo buscaram quebrar esse limite numérico e se expandir, precisariam de algum outro tipo de mecanismo de criação de vínculos que permitisse melhor aproveitamento útil do tempo. Nesse ponto, a fala se encaixa perfeitamente nessa necessidade, uma vez que, além de possibilitar uma interação de mais membros ao mesmo tempo, também pode ser realizada simultaneamente com outras funções. Dessa forma, é possível utilizar percentualmente a mesma quantidade de tempo para interações sociais, mas com maior abrangência graças à linguagem.

Outra grande diferença proveniente do uso da fala na criação de vínculo é que, diferente dos primatas, podemos usar a interação para saber o que está acontecendo dentro do nosso grupo social. Enquanto os primatas têm conhecimento apenas daquilo que vêem, nós podemos buscar informações sobre aquilo que acontece quando não estamos presentes assim como podemos fornecer informações que presenciamos para algum outro membro ausente no momento do acontecimento. Isso foi determinante para a sobrevivência da espécie, uma vez que, nem todos os membros correspondiam para o benefício do grupo da mesma forma. Alguns, os quais Dumbiar chamou de “*free riders*”, se beneficiam dos aspectos de se viver em grupo sem corresponder com suas obrigações dentro dele. Quanto maiores os grupos, mais

³ “Without gossip, there would be no society. In short, gossip is what makes human society as we know it possible”

indivíduos inocentes podem ser explorados por esses aproveitadores. Outro ponto é que as atitudes desses “*free riders*” tende a ser copiada por outros membros colaborativos do grupo, o que, após algum tempo, levaria a extinção do grupo. Controlar (avisar) a ação dos aproveitadores só é possível se houver comunicação, ou seja, em um ambiente com fofoca, a ação deles ficaria cerceada, pois ao agir de maneira “não recíproca” em relação ao grupo, ficariam expostos.

Com a evolução da linguagem técnica e nosso condicionamento para ela, começou a se enxergar outros usos da linguagem como triviais ou ligados ao ócio. Dessa forma começa a se desenvolver a imagem negativa da fofoca ficando taxada como perda de tempo. Tempo que poderia ser gasto de maneira mais produtiva. Entretanto, quando se observa que a fofoca é uma forma de conhecer melhor o ambiente à sua volta, criar vínculos e manter grupos coesos, é possível enxergar seu uso como uma vantagem competitiva. É necessário que sejam feitos estudos sobre o assunto uma vez que o mesmo está presente em tantos níveis da construção das pessoas. “Estudar a fofoca é assim equivalente a investigar a relação entre a ação individual e a estrutura da sociedade em que o indivíduo está imerso”⁴ Besnier (1996)

2.2 Por que a fofoca é mal vista?

Por que a fofoca é mal vista? Tendo em vista a importância e a frequência dessa via de transmissão de informações que é a fofoca, quais os motivos que a levam a ser socialmente condenada? Por que essa marginalização de um gênero de discurso tão antigo e tão inerentemente humano? Além da valorização do discurso técnico em detrimento das conversas informais apontados por Dumbar, outros fatores podem ser responsáveis por essa má reputação dessa forma de comunicação.

As fofocas, mesmo que boas (*praise gossip*) podem ser mal vistas, seja por ser considerada uma perda de tempo ou “conversa ociosa”, seja por ser vista como adulação, bajulação. Porém essa visão negativa da fofoca é mais comum nas fofocas ruins

⁴ “studying gossip is thus tantamount to investigating the relationship between the individual action and the structure of society in which the individual is embedded”

(*blamegossip*). “A fofoca pode ser o melhor meio para tal conhecimento se a informação procurada é de um tipo desfavorável”⁵ (Foster, 2004).

“A fofoca envolve, pois, o relato de fatos reais ou imaginados sobre o comportamento alheio. Ela é sempre concebida como uma força nefasta, destinada a fazer mal a determinados indivíduos. Ninguém se considera fofoqueiro, mas todo mundo concorda em dizer que há fofoca constantemente na vizinhança.” Fonseca (2004)

A fofoca ruim muitas vezes pode ser vista como um ato de covardia, justamente por ser uma comunicação que se faz sem a presença do seu alvo. Nessas circunstâncias, não é possível que este se defenda de possíveis acusações incluídas na conversa nem que evite uma possível e provável diminuição do seu prestígio social frente aos mexeriqueiros. Além disso, não há qualquer garantia de que as informações repassadas sejam verídicas. Em geral, acreditar ou não no conteúdo da fofoca está relacionado intimamente à credibilidade daquele que serve como fonte de informações.

Mesmo informações mentirosas podem causar sérios danos à reputação do alvo dos boatos. Segundo o Teorema de Thomas, “se os homens definem [algumas] situações como reais, elas [,caso não sejam,] vão se tornar reais em suas consequências” (*apud* Pedro Paulo de Oliveira, 2010, p.18). Ou seja, através da fofoca, uma informação caluniosa e falsa pode ser disseminada sem que o alvo tenha conhecimento dela, e portanto, sem que possa se defender, prejudicando assim seu prestígio apesar da inverdade. Basta que os receptores do boato acreditem nele e tomem as atitudes que tomariam caso ele fosse verdadeiro.

Existem aqueles indivíduos que, conscientes dessa faceta da fofoca, intencionalmente lançam mão do artifício para denegrir a imagem de outrem no intuito de conseguir algum benefício próprio e, para se manterem ocultos, tentam se valer do caráter de confidencialidade da fofoca. A troca de informações privilegiadas que por intuição ou a pedidos explícitos busca preservar suas fontes. “Não diga a ninguém que eu te contei...” ou “Que isso fique entre nós” e até “ouvi falar (isso), mas não acredite!”

No entanto, mesmo aqueles que propositalmente buscam esse artifício para disseminar informações mentirosas não o fazem sem risco. Caso sua atitude seja descoberta ou desacreditada, esse indivíduo pode ganhar uma reputação de “fofoqueiro” e “mentiroso” e, além de seu objetivo de destruir a reputação do alvo falhar (podendo até mesmo ter o efeito oposto de elevá-la), a própria reputação do boateiro é que sofre os danos.

⁵ “gossip may be the better means to such knowledge if the information sought is of an unfavorable kind”

Uma curiosidade interessante, traçando um paralelo com o Teorema de Thomas é que, caso uma informação verdadeira disseminada através da fofoca seja desacreditada e tomada como mentira, ela pode dessa forma prejudicar a imagem daquele que conta a fofoca independentemente deste ter falado a verdade.

Da mesma forma, o indivíduo que pratica a fofoca com grande frequência também corre o risco de ser marginalizado. Se ele desenvolver o status de fofocueiro, aqueles que o cercam podem tender a evitar repassar informações por não considerá-lo confiável para guardá-las. Assim como podem passar a não confiar nas suas informações por considerar a fonte questionável.

A reputação do fofocador pode ser ruim vista do nível social da opinião pública, porém pode ser uma reputação de exemplo de indivíduo que, além de conhecer bem as normas do seu meio, tem profundo conhecimento sobre a vida pessoal dos que o cercam. Isso pode lhe conferir até mesmo certo status.

Existem diversas regras sociais e morais, a maioria ligada a questões de privacidade, que condenam a fofoca. Apesar disso, ela continua sendo praticada inclusive por muitos daqueles que socialmente a condenam. O que indica que essa censura acontece principalmente no nível de consciência social e menos no nível individual e que a fofoca traz benefícios que fazem com que valha a pena continuar fofocando mesmo com o risco da reprovação moral.

Um argumento interessante que contrapõe a questão da invasão de privacidade foi proposto por Shoeman (1994). “Todos nós esperamos ser discutidos por outros que nos conhecem, sem nenhum senso de impropriedade”⁶ SHOEMAN (*apud* FOSTER 2004). Sendo assim, já estamos preparados para servir de alvo tanto quanto fazemos de alvos outros. Para ele, a fofoca ajuda a evitar conflitos e exposições públicas diretas, agindo de certa forma para a manutenção da privacidade. Além de permitir o benefício da dúvida sobre a veracidade daquela informação.

Ainda assim, faz-se de tudo para evitar ser alvo dos boatos e mexericos alheios, desde tentar estar presente em situações nas quais é possível ser alvo das fofocas até tentar expor aqueles que o fazem de alvo ao acionar a fofoca. A preocupação é tão grande que chega ao ponto de que o indivíduo, temendo ser alvo, diminua suas próprias excentricidades para

⁶ “We all fully expect to be discussed by others Who knows us, with no sense of impropriety”

que não chamem tanto a atenção dos fofoqueiros. Até mesmo tentar incluir-se nos círculos de fofoca para deles não ser alvo é uma estratégia.

Ao coletar retalhos de informações através da fofoca, pode-se desenhar um esboço daquilo que o outro é além do seu nível social, ou segundo Wert e Salovey noções sobre o “*bakstage self*” (pag. 126) que representa o que ele é nos “bastidores”. “Atacar, pela fofoca, os atributos de um e de outro é atentar contra o que há de mais íntimo no indivíduo, a imagem que ele faz de si. É como se as palavras que atingem a imagem pública de uma pessoa tivessem a força mágica de feri-la fisicamente.” (Fonseca, 2004). Um pensamento interessante é que talvez a própria condenação da fofoca seja uma maneira de tentar inibir os outros de utilizá-la. Isso ajudaria a explicar o motivo pelo qual muitas pessoas, apesar de criticar a fofoca, a praticam.

2.3 A comparação social através da fofoca

Wert e Salovey (2004) afirmam que toda fofoca inclui por definição alguma forma de comparação social. Grande parte do nosso conhecimento sobre as coisas partem de comparações. O ser humano tem a necessidade de se comparar. Ao obter informações a respeito de terceiros semelhantes, o indivíduo consegue relacionar aquelas informações com suas próprias características, se situar no ambiente social no qual se encontra. Ao ver a fofoca como meio de comparação social, podemos nos valer dos estudos sobre o que motiva o indivíduo a se comparar com seus semelhantes para entender os motivos que levam o indivíduo a fofocar.

A fofoca é, portanto, uma oportunidade de aprender por comparação e existem muitos tipos de pessoas com quem se comparar. Segundo Wert e Salovey (2004), cada uma pode ser escolhida de acordo com a intenção da comparação em determinado momento. “Fofoqueiros fazem uma comparação entre a pessoa que está falando e algum ponto de referência social e egocêntrico, como normas sociais ou a sua própria perspectiva e comportamentos”⁷. (Pag. 123). Para eles, existem seis tipos de comparações sociais que podem ser feitas através da fofoca.

Comparação com semelhantes - Se a pessoa está buscando a comparação com objetivo de encontrar informação precisa sobre si mesmo, validar opiniões e pontos de vista

⁷ “Gossipers make a comparison between the person they are talking about and some social or egocentric reference point, such as social norms or their own perspective and behaviors.”

ou estimar a força de suas habilidades, precisa buscar alguém que tenha características e valores semelhantes para obter o resultado mais aproximado.

Não parece haver implicitamente qualquer necessidade da comparação se dar através da depreciação do alvo (fofoca ruim). Entretanto, há a necessidade de captar o interesse e a atenção do interlocutor e, para isso, a fofoca negativa tem mais apelo “notícias ruins são simplesmente mais interessantes do que notícias boas”⁸ (WERT, SALOVEY; 2004).

A fofoca negativa também pode surgir como mecanismo de defesa da auto-estima, principalmente em grupos onde a competição em termos de habilidades específicas é muito grande (exemplo: equipe de atletas de uma determinada modalidade). Além disso, fofocar de maneira negativa é se colocar como antagonista da transgressão, oposto às más práticas do alvo e, portanto, se elevar moralmente. Parece que a fofoca positiva serve menos para louvar o bom comportamento do que a fofoca negativa serve para condenar o mau comportamento⁹.

Comparação com menos afortunados (menos capazes, menos poderosos) - Quando a pessoa precisa se sentir melhor consigo mesma, busca comparar-se com pessoas que julga inferiores. O motivador desse tipo de comparação é o auto engrandecimento. Ao fazer essa comparação “pelas costas”, ou seja, através da fofoca, ela evita o embaraço, constrangimento e inveja por parte do alvo “menos afortunado”. “[Fofoqueiros] transformam uma acusação particular em uma falha relevante ao público para assim legitimar a indiscrição”¹⁰ (pag. 126).

É comum que esse tipo de fofoca desperte como produto o sentimento de orgulho naquele que ativa a boataria. É um sentimento que tende a ser maquiado, uma vez que pode por si só provocar fofoca contrária. Outro sentimento que segue essa lógica é o de desprezo, que pode ser gerado por uma mudança de foco. Ao invés de orgulho de si, desprezo pelo outro.

Comparação com outros mais afortunados (mais capazes, mais poderosos) - Procurar comparação com aqueles que julgamos superiores pode ser uma tentativa de nos nivelar por cima, o objetivo dessa busca de informações é de auto aperfeiçoamento a partir de “receitas de sucesso”. Fazer isso através de fofocas ajuda a evitar constrangimentos.

⁸ “Bad news is simply more interesting than good news”

⁹ “Negative information about someone is considered more diagnostic of moral character than is positive information” apud (Skowronski&Carlston, 1987) pag 124

¹⁰ “[gossipers] turn a private accusation into a publicly relevant flaw and thereby legitimize the indiscretion”

Um sentimento comum que pode ser percebido ao buscar esse tipo de comparação é o de ambição. Que frequentemente pode ser mal visto pelo interlocutor. Para evitar evidenciá-lo muitas vezes o disfarçam com tons negativos. “Se alguém está interessado em descobrir como um vizinho rico fez sua fortuna, por exemplo, pode disfarçar esse sentimento fofocando com desdém sobre os seus excessos”¹¹.

Ao comparar-se com outros mais afortunados, pode-se chegar à conclusão de que o status do alvo não é justificado, ou seja, que ele não “merece” estar posicionado de maneira superior. Essa constatação leva ao sentimento de ressentimento que, por sua vez, pode levar à agressão. No caso da fofoca, agressão verbal. Especialmente se o alvo não for bem quisto. Fofocar se torna uma forma de exprimir sentimentos de insatisfação com a falta de legitimidade do poder.

Ao reconhecer as vantagens do outro e as próprias desvantagens, pode-se gerar o sentimento de inveja. Por isso talvez sejam tão comuns as fofocas negativas tendo como alvo posições de chefia. A fofoca é o meio ideal de se fazer essas comparações uma vez que, “falar mal do chefe” é algo mais prudente de ser feito de maneira indireta. Comparar-se com alguém mais afortunado ou superior também pode causar o sentimento de ciúmes uma vez que, ao reconhecer a superioridade das habilidades do alvo, pode-se passar a vê-lo como um rival na competição pela atenção do grupo. Tem a ver com se sentir ameaçado.

Comparações entre quem pertence ao grupo e quem não pertence - A comparação é utilizada para que o indivíduo seja capaz de se situar dentro de seu ambiente coletivo. É através da comparação que se constrói a identidade social, baseada nos sentimentos de pertencimento. Uma pessoa pode estar incluída em inúmeros grupos. Pode ser um grupo definido pela nacionalidade, pelo gosto musical, pelo gênero, pelos locais que frequentam, entre outras possibilidades. Essa composição molda o perfil do indivíduo no meio coletivo. “A teoria da identidade social prevê que quando os indivíduos podem se afirmar como membros de um grupo, eles se sentem melhores consigo mesmos e menos inseguros sobre o mundo”¹²(Hogg, 2000 *apud* WertSalovey 2004, p.128).

Tão importante quanto saber quem você é, é saber quem você não é, o que equivale a dizer, ter a clara distinção do que diferencia quem faz parte do grupo e quem está fora dele. Quanto mais o indivíduo compreende o grupo e quanto mais ele é capaz de

¹¹ “If one is interested in finding out how a wealthy neighbor made his fortune, for example, this interest can be disguised by gossiping disdainfully about his excesses”

¹²“social identity theory predicts that when individuals can claim membership in a group, they feel better about themselves and feel less uncertain about the world” (Hogg, 2000)

identificar o que faz com que determinada pessoa não seja do grupo, mais ele tem noção de que tipo de pessoas determinado grupo é composto. Consequentemente o que é preciso fazer, como agir e como ser para pertencer ao mesmo. “A fofoca do tipo “nós contra eles” parece ser comum mesmo quando os grupos estão claramente definidos”¹³. (p.128).

Segundo Wert e Salovey (2004), a fofoca pode funcionar como uma forma de aliviar a raiva e as frustrações sobre alguma forma de injustiça ou de poder vigente. Um desabafo em forma de reclamação. A partir daí aparece uma possibilidade de seu poder subversivo. Pela circulação de informações, aos subordinados pode chegar informações sobre seus superiores que deslegitimem, aos olhos do primeiro, a autoridade do segundo. Podendo inclusive levar a uma revolta. A fofoca, principalmente pelo seu caráter de, em geral, focar mais na vida pessoal do que na vida profissional dos alvos, coloca a figura do superior como de uma pessoa qualquer, comum. Com os mesmos problemas que qualquer outro.

A fofoca também pode ocorrer em relação a membros do mesmo grupo e servem para ter a noção mais aproximada se suas habilidades e opiniões estão de acordo com as normas. As fofocas dentro de um grupo são especialmente recorrentes nos casos em que a identidade do grupo se encontra ameaçada por fatores externos. Como uma vila indígena que resiste próxima ao crescimento de uma cidade que ameaça engoli-la. É uma forma de reforçar o policiamento sobre as normas a fim de preservar a identidade do grupo. “estudos antropológicos das sociedades ameaçadas por uma sociedade maior, mais poderosa ou dominante têm apontado para fofoca desenfreada dentro da sociedade ameaçada”¹⁴ (Wert, Salovey, 2004). Uma das explicações apontadas é a de que a fofoca nesse caso sirva para testar a lealdade aos valores do grupo e identificar os membros mais propensos a aderir os valores do grupo mais forte.

Uma questão interessante levantada diz respeito à precisão da visão dos membros do grupo sobre as suas opiniões. Membros do grupo tendem a colocar em primeiro lugar pontos de vista supostamente compartilhados por dois ou mais membros em detrimento dos pontos de vista individuais dos integrantes do grupo, sendo que de modo geral pode ser que a opinião manifestada dessa suposta maioria não seja verdadeiramente a visão do grupo como um todo. Dessa forma, pode haver uma representatividade excessiva de certo ponto de vista em relação a outros pontos de vista que podem acabar se calando. De novo podemos observar a questão da espiral do silêncio nos níveis de construção da identidade do grupo.

¹³ “us versus them” gossip also seems common even when groups are clearly defined”

¹⁴ “anthropological studies of societies threatened by a larger, more powerful or dominant society have pointed to rampant gossip within the threatened society”

Por fim pode ser gerada uma ideia equivocada de que existe uma opinião consensual do grupo quando na verdade as opiniões divergentes apenas estão ocultas. "Isso parece resultar de membros do grupo não expressarem plenamente suas dúvidas sobre uma questão. Em vez disso, eles enfatizam as áreas de acordo para aumentar a coesão do grupo"¹⁵. A cada vez que se foca essa sensação de conformidade se reforça a menos que a espiral do silêncio de alguma forma seja quebrada.

A polarização da opinião do grupo é, segundo Wert e Salovey, um risco dessa ideia de consenso uma vez que a opinião do grupo enquanto conjunto se torna muito mais extrema do que a opinião individual de qualquer um dos membros. Não é nenhuma surpresa, portanto, que os estereótipos adotados para definir tanto o tipo de indivíduo que pertence ao grupo quanto o que não pertence sejam estereótipos equivocados e falhos. Isso ajuda a explicar a força da exclusão dos "*outsiders*" mesmo que muitas vezes isso gere sentimentos controversos no nível individual.

Comparação com entidades ou pessoas imaginárias - Como abordado anteriormente, os estereótipos criados para definir o grupo e quem está fora dele podem ser equivocados, seguindo a mesma lógica, quando se foca, muitas vezes compara-se o objeto da fofoca com uma entidade ou pessoa fictícia perfeita que engloba todos os valores do grupo. Um indivíduo perfeito segundo aquelas regras e normas. A comparação é feita entre as atitudes do alvo e as supostas atitudes que se imaginam dignas de um membro do grupo. Mesmo que, individualmente, nenhum dos membros possua todas as qualidades desse suposto ideal de membro.

Dessa forma, mesmo os membros mais fiéis às normas do grupo ficam sujeitos a serem focados uma vez que esse ideal existe apenas no imaginário. A comparação social através de entidades imaginadas acaba servindo como uma espécie de meta individual para inclusão coletiva. Possíveis lideranças do grupo também podem ser comparadas com esses padrões imaginários sendo os candidatos a líder aqueles que demonstrarem maior aproximação com esse ideal.

Comparação emocional - Por último, os autores trazem a comparação emocional. Quando os indivíduos se sentem ameaçados, tendem a buscar comparações para entender melhor e até mesmo para abrandar seus sentimentos de ansiedade em relação à ameaça. Para isso, buscam outros indivíduos que julguem estar sofrendo a mesma ameaça. Ameaça e

¹⁵ "This appears to result from group members not expressing the full extent of their doubts about an issue. Rather, they emphasize areas of agreement to boost the cohesiveness of the group

ansiedade podem motivar rumores e fofocas como forma de alívio desses sentimentos. "Indivíduos muito ansiosos são mais propensos a ser indicados pelos colegas como participantes frequentes em fofocas"¹⁶(p.132)

A apreensão individual pode se tornar coletiva através de rumores e fofocas. O indivíduo que se sente ameaçado tende a falar tanto para obter alívio quanto para saber mais sobre os alvos que possam ter influência sobre ele. Sempre que o indivíduo se sente vulnerável diante de determinado alvo, quando as atitudes desse alvo podem ter repercussões sobre o indivíduo em questão, então ele tende a buscar informações sobre esse alvo a fim de conseguir retratar o pior cenário possível e ter maiores noções dos riscos que corre. É comum que esse caráter negativo se traduza em fofoca igualmente negativa. Isso ajuda a entender os motivos que fazem com que pessoas em situações de poder em relação a outras sejam constantemente alvos de fofoca negativa.

A fofoca é mal vista pelos grupos apesar de ter funções de manutenção implícita. Por quê? Talvez pelo caráter de conflito entre coletivo e individual nela presente. Apesar de servir a propósitos coletivos, ela geralmente é motivada por questões individuais. Uma das razões e talvez a mais evidente da fofoca seja a de autopromoção do fofoqueiro ao se colocar em oposição das transgressões e conseqüentemente como modelo de lealdade às normas do grupo. Pode parecer ruim para o grupo quando todos querem se promover demais. Ficam mais evidentes as motivações individuais do que as funções coletivas que geralmente são implícitas e inconscientes. Além disso, quem sente a necessidade de buscar comparação e informações através da fofoca, sente também os benefícios provenientes. No entanto, ao ver o outro usando dos mesmos artifícios, não é capaz de imaginar que este esteja igualmente atendendo a uma necessidade pessoal de comparação social natural.

2.4 Fofoca e informação

Como vimos, a fofoca pode ter sido um dos fatores determinantes para o desenvolvimento da sociedade. E para funcionar bem em um ambiente social complexo, as pessoas precisam de informações sobre esse ambiente e as pessoas que as cercam, porém na maioria das vezes não é possível estar ao mesmo tempo em todos os lugares para adquirir em primeira mão todas essas informações sobre o meio. Muitas informações são transmitidas pelos meios de comunicação tradicionais, porém eles só dão conta de certa quantidade de

¹⁶ "Individuals high in self-reported anxiety are more likely to be nominated by peers as frequent participants in gossip"

notícias que, em geral, precisam ser de interesse de um grande número de pessoas para serem transmitidas. Além disso, muitas informações úteis são de caráter confidencial e teoricamente não são destinadas a circular por nenhum canal de comunicação, seja ele qual for.

Nesses casos em que as fontes tradicionais disponíveis não satisfazem a necessidade de informações do indivíduo, esse pode acabar buscando formas alternativas de obtê-las. Um desses meios é a fofoca que, no caso, funciona como uma espécie de memória coletiva. Apesar de não estar no local e hora dos acontecimentos, consegue-se saber dos ocorridos através de outras pessoas que estavam ou até que obtiveram essas informações através de terceiros.

Mais uma vez, fazer parte dos círculos de fofoca mostra-se vantajoso. Para obter informação dentro de um grupo onde nem tudo é divulgado, existem poucos meios mais eficientes do que a fofoca. Ela funciona como um registro dos acontecimentos e essa rede de informações ou “memória coletiva” acaba beneficiando exclusivamente a quem faz parte dos “círculos”.

Da mesma forma que dentro das redes as informações são trocadas, elas também se complementam no sentido de que, muitas vezes, conhece-se apenas uma parte dos acontecimentos que se completa com os conhecimentos de outra pessoa e vice-versa, formando assim uma unidade de informação que cresce cada vez que é compartilhada.

Se um membro do círculo sabe que determinado funcionário de uma empresa vai ser demitido antes da notícia ser oficial, ao compartilhar pode descobrir que outro membro tem uma pista do motivo da demissão e um terceiro membro pode ainda saber qual o perfil desejado para o substituto da vaga que, por sua vez pode interessar a algum desses membros ou até mesmo a um quarto membro que seja acionado. Dessa forma, ao fazer a informação circular, esse grupo obtém vantagens competitivas em relação a outros candidatos para a vaga. Nessa ilustração fica claro que a fofoca pode se comportar como uma rede de informações complementares que, se reunidas, podem ser usadas estrategicamente.

Curiosamente, o conceito de *crowdsourcing*, amplamente utilizado hoje na internet, segue uma lógica muito similar: Crowdsourcing é um modelo de produção que utiliza a inteligência e os conhecimentos coletivos e voluntários, geralmente espalhados pela Internet para resolver problemas, criar conteúdo e soluções ou desenvolver novas tecnologias, assim como também para gerar fluxo de informação. O crowdsourcing possui mão de obra barata, pessoas no dia a dia usam seus momentos ociosos para criar a colaboração. Pessoas geram conteúdo de maneira colaborativa de maneira que esse conteúdo se complemente

através do fluxo de informação. Na fofoca, esse conteúdo fica restrito ao grupo pelo qual ela circula criando uma vantagem competitiva para aqueles que fazem parte.

Devido a esse valor como fonte de informação, psicólogos enxergam a fofoca como uma espécie de moeda de troca. Nas palavras de Foster (2004, p.84) "fofoca é muitas vezes retratado como uma espécie de moeda, negociada como qualquer outra, e seu valor é avaliado pelo receptor, com base em oportunidade, utilidade e especialmente raridade"¹⁷. Quanto mais rara, oportuna e útil a fofoca, maior seu valor, o que justifica a sensação de poder experimentada ao se transmitir ou receber alguma informação privilegiada importante.

Fofoca tem a ver com poder à medida que tem também a ver com informação. Uma cena que ilustra a representação do poder da informação sendo passada através da fofoca é quando uma informação rara é divulgada mesmo sem ser útil ou importante para o fofocador e seu círculo, apenas pelo fato de que, se não for divulgada naquele momento, perderá o valor. Sendo assim, divulga-se para que o círculo reconheça a fonte como capaz de obter informações valiosas. Pode ser que em termos práticos não mude nada para o círculo saber antes de todo mundo que o novo presidente da empresa será anunciado no dia seguinte. Porém mostrar a todos que se detém esse tipo de informação rara antes dela vir a ser anunciada oficialmente é uma demonstração de poder.

Talvez por isso a necessidade de reciprocidade seja inerente à fofoca. Há na transmissão da informação uma relação de poder e uma obrigação de compensação. Seja essa compensação retribuir com outras informações sobre o mesmo assunto, outros assuntos, sobre si mesmo ou mesmo retribuir com o capital simbólico da elevação do prestígio e da estima do fofocador. De alguma forma essa "moeda" está comprando algo.

2.5 Fofoca, influência e criação de laços

Dumbar (2004) levantou a bandeira da importância da fofoca na criação de laços que sustentam as relações sociais. Elias e Scotson (1965) falam principalmente da capacidade da fofoca de consolidar a coesão dos grupos através de um intenso controle baseado nas normas e valores estabelecidos formal ou informalmente por esses grupos. O ato de fofocar implica certa cumplicidade. É um momento no qual duas ou mais pessoas trocam informações privilegiadas sobre terceiros.

¹⁷ "gossip is often portrayed as a kind of currency, traded like any other, and assessed for its value by the taker on the basis of timeliness, usefulness and especially rarity".

Para que duas ou mais pessoas dividam a experiência da fofoca de maneira harmoniosa, é necessário que elas partilhem certos valores. Que tenham noções de “certo e errado” similares. Do contrário a troca de informações pode gerar sentimentos divergentes entre as partes. No entanto, quando essa harmonia ocorre, há também a sensação de identificação, de pertencimento. Os indivíduos envolvidos identificam compatibilidades entre si.

Se o emissor da fofoca sente que o receptor partilha dos mesmos valores que ele mesmo, é mais provável que se sinta seguro para manter fluído a informação. Da mesma forma, se ele se sente reprimido por uma divergência de opiniões ou valores, é mais provável que ele se feche para aquela pessoa, colocando-a do lado de fora do seu círculo. Criam-se a partir daí laços de confiança.

Todo processo de fofoca implica necessariamente que entre em pauta implicitamente normas de coesão do grupo. Ao fofocar estamos reafirmando certos valores nas entrelinhas. Esses valores quando compartilhados entre os envolvidos, cria uma noção de conformidade que ajuda a diferenciar quem faz parte do círculo e quem está fora. E a partir do momento que se define quem está fora, os processos de exclusão ajudam a reforçar a unidade do grupo.

Por exemplo, o laço que se cria é por vezes tão forte, que um indivíduo de fora do círculo sequer consegue entender o conteúdo da informação que está sendo passada, pois esse entendimento demanda conhecimentos da história e interações sociais do grupo, além de seus códigos próprios de linguagem e interpretação. Muitas vezes essa falta de conhecimento é utilizada para excluir quem é de fora do grupo reafirmando a sua unidade. Um dos casos de exceção citados anteriormente nos quais a fofoca pode se dar mesmo quando o alvo está presente se encaixa nessa perspectiva. Ao utilizar formas de comunicação muito particulares características de quem faz parte do círculo, mesmo estando presente o alvo da fofoca, por não conseguir “decodificar” a mensagem, não consegue compreender seu conteúdo.

Uma vez organizados em grupos os indivíduos constantemente buscam informações sobre a contribuição de cada membro para a unidade do todo. Como na questão evolutiva onde os membros se comunicavam para cercear a ação dos “*freeriders*”, os membros buscam ter certeza de que os agentes que compõe o grupo têm capacidade de suprir suas demandas de acordo com os valores hegemônicos ou, em outras palavras, se cada membro é capaz de abrir mão de certos desejos pessoais e se submeter aos valores dominantes. Aí se revela o caráter de influência e controle exercido pela atividade da fofoca.

Não é difícil de imaginar que tudo que se ouve de fofoca sobre outros pode igualmente ser dito por outros sobre você. O julgamento e as penas de exclusão aplicadas sobre quem se distancia dos valores preponderantes podem igualmente ser projetados sobre o indivíduo que participa da fofoca. Saber disso recria a definição do comportamento que se deve seguir para continuar integrando o círculo ao invés de ser alvo dele. Dessa forma, reafirma-se a fofoca como ferramenta para policiar e direcionar as atitudes dos indivíduos para que elas se ajustem aos dogmas e normas explícitos ou implícitos do grupo.

Da mesma forma que crianças muitas vezes são ensinadas a como agir ou não agir através de exemplos, ao tornar alguém alvo de uma fofoca, seja ela positiva ou negativa, transforma-se o alvo da fofoca em um exemplo de como se comportar ou não sob pena de ser alvo de fofoca caso se comporte de maneira destoante. “Em vez de adultos explicarem as normas morais a seus filhos, estes, ao ouvir as histórias de comadres, aprenderiam as nuances práticas dos princípios morais do grupo”(Fonseca 2004). As definições de quem é bom ou quem é ruim são relativas e variam de acordo com o grupo ou sociedade.

Foster (2004, p.xx) cita o estudo de Eckert para explicar o que faz um membro do grupo ser bem visto:

"Eckert (1990), por exemplo, em seu estudo sobre fofoca em grupos de meninas adolescentes, se refere a uma boa pessoa (pag. 95) como tendo adquirido capital simbólico aos olhos de sua faixa etária e, portanto, ter relativamente mais poder de influenciar os outros. essas pessoas são repositórios de normas do grupo e, portanto, sua opinião tem mais peso no pastoreio da conformidade. Conformidade é essencial para a sobrevivência do grupo como um todo, o que pode explicar a forma particularmente virulenta de fofocas nos grupos sob pressão para sobreviver e em concorrência aberta com o outro".¹⁸

Então, qual é o real poder de influência de quem fofoca e desses valores dentro do grupo? Eles variam e podem ser medidos de acordo com a variação de prestígio dos alvos dos boatos.

¹⁸ "Eckert (1990), for instance, in her study of adolescent girls gossip referred to a good person (pag. 95) as having acquired symbolic capital in the eyes of his or her age group and therefore, having relatively more power to influence others. such people are repositories of group norms, and their opinion therefore have more weight in shepherding conformity. conformity is essential for the survival of the group as a whole, which may account for the particularly vitriolic form of gossip observed in groups under pressure to survive and in open competition with one another"

“1) a realidade na aparência: no caso, a imagem pessoal do agente como representação de seu valor frente aos demais e que, em função dela, lhe atribuirão prestígio que se traduz em importância e celebração social do mesmo, garantindo-lhe prerrogativas reais e efetivas que se exprimem como poder em situações cruciais e decisivas em sua dinâmica relacional com os seus pares; 2) independência na submissão: o poder, o prestígio, o renome, enfim o status social do agente está diretamente relacionado à sua capacidade de atender às demandas simbólicas, que são produzidas de acordo com os valores hegemônicos e que são preponderantes naquele grupo (ou rede), portanto, de acordo com a sua submissão a estes mesmos valores.” (Oliveira, 2010 p.5)

O indivíduo que aciona a fofoca tem sua capacidade de influência relacionada a alguns fatores. Um deles é o quanto ele representa e reafirma os valores e normas do grupo em questão. Quanto mais de acordo com esses valores ele se mostrar, maior é seu poder de “exemplo” ou de “modelo” de comportamento. Como já discutimos, cada vez que se aciona a boataria, o indivíduo se coloca nessa posição de defensor dos valores do grupo. Se, caso um indivíduo que acione a fofoca for conhecidamente um transgressor de certas normas, sua credibilidade como modelo fica prejudicada. Pode-se medir essa credibilidade através do grau de impacto na reputação dos alvos. Quanto maior o grau de impacto, maior a credibilidade daquele que está acionando o boato.

No entanto, esse impacto também depende do grau da transgressão e de quão importante (ou forte) é aquela norma ou regra quebrada para o grupo. É possível também medir a importância de cada norma de acordo com o grau de corrosão do prestígio social provocada pela transgressão daquela norma. Quanto mais importante for a norma, maior a depreciação da moral do alvo que a transgride. Uma norma que, ao ser quebrada, não interfira de maneira significativa na reputação do alvo da boataria, pode representar um indício de obsolescência da norma para o grupo. Um princípio de mudança.

A função de exclusão social da fofoca e reiteração da unidade do grupo pode se dar com aqueles que já fazem parte do grupo ou com aqueles que não fazem parte. No primeiro caso, o membro do grupo que se afasta dos valores e normas estabelecidos tende a sofrer represálias que podem culminar na sua exclusão do grupo. A fofoca seria o primeiro estágio desse processo. No segundo caso há apenas uma reafirmação do abismo que separa aqueles que pertencem ao grupo daqueles transgressores de normas que estão fora. Reforçando os valores do grupo em relação ao comportamento desviado dos excluídos.

É interessante observar que os valores hegemônicos reiterados pela boataria nem sempre são valores naturais do fofocador, e sim valores nele introjetados para a aceitação do

meio e os quais ele reproduz com essa única finalidade, muitas vezes inclusive violando-os em segredo.

Quando falamos desse poder de censura da fofoca, é possível traçar um interessante paralelo com a teoria da “Espiral do silêncio”. O indivíduo sente através da repetição da afirmação dos valores que determinado ponto de vista é o dominante. A partir daí, em prol de permanecer como parte integrante do grupo, silencia suas próprias opiniões individuais e passa a seguir de acordo com a opinião dominante. Ao calar sua particularidade, ele ajuda a fazer com que a tal opinião dominante ganhe ainda mais vulto e que cada vez mais, outros membros façam o mesmo dando cada vez mais força para a crença de que a opinião dominante realmente representa os membros.

Acontece que, uma vez que determinado valor do grupo deixe de demonstrar ter tanta força (como vimos, existem formas nas quais a fofoca pode “revelar” a força de cada norma coletiva) a mesma fofoca que pode servir para reforçar a espiral, pode acabar sendo a alternativa procurada para quebrá-la. Isso porque ao usarmos a fofoca como meio de nos compararmos aos outros em volta, é possível testar a força de certas normas e, ao sentir que não são tão fortes como parecem derrubá-las para instituir novas. Quebrando então a espiral do silêncio.

Outro fenômeno interessante relacionado ao poder de censura da fofoca é o das profecias que se auto-cumprem. Muitas vezes, o nível de exclusão daquele que não faz parte do círculo é tão forte que esse “outsider” não consegue se livrar de ser alvo das fofocas, não importa o quanto ele se esforce para seguir os valores dominantes. Ao perceber essa impossibilidade de pertencimento, muitas vezes esse indivíduo acaba ficando livre daquelas regras. Ele não precisa mais se subordinar ao padrão imposto pelo grupo. Dessa forma ele pode se permitir qualquer tipo de transgressão sem se importar com a censura. Torna-se livre ao mesmo tempo em que reafirma a visão do grupo sobre ele através de seu desdém pelas normas do mesmo.

Esse fenômeno é similar ao efeito da “janela quebrada” proposto por Philip Zimbardo (1969). Zimbardo realizou uma experiência na qual abandonou dois carros em diferentes bairros (um bairro nobre e outro de classe baixa). Rapidamente o carro no bairro de classe baixa foi depredado e destruído enquanto o carro abandonado no bairro nobre ficou intacto por mais de uma semana. O próprio Zimbardo resolveu então quebrar a janela desse carro. O resultado foi que em pouco tempo o carro teve o mesmo destino daquele abandonado na área

mais pobre. Em ambos os casos, foi registrado que a ação de depredação foi realizada por indivíduos ou até mesmo famílias de “aparência respeitável”.

O bairro pobre já tinha maior histórico de bens abandonados e depredados com maior frequência enquanto no bairro rico, isso era bastante incomum. Isso talvez explique o porquê da destruição ter ocorrido de maneira mais rápida. Entretanto, tudo parece estar ligado à questão da manutenção. Enquanto o carro não havia sido violado, entendia-se que alguém se importava com ele. Uma vez que a depredação teve seu início, a sensação de “ninguém se importa mesmo” tomava conta enquanto o veículo era cada vez mais depredado.

Da mesma forma ocorre com a reputação. Um indivíduo que detém uma boa reputação tende a se esforçar mais para mantê-la. Enquanto aquele indivíduo que já tem sua reputação constantemente atacada (a janela quebrada) pode acabar não se importando tanto com a opinião dominante, uma vez que considera impossível agradá-la.

“Ao perceber a força coletiva da imagem social que se constrói na dinâmica interacional e que modela o *self* do agente, ele tende a confirmá-la, retirando daí as vantagens que ela propicia e ao mesmo tempo pagando os custos de estar a ela associado. Essa dinâmica não é percebida de modo consciente pelos agentes, mas se constitui paulatinamente no decurso cotidiano das inúmeras situações de convívio e interação entre as pessoas.” (Oliveira, 2010, p.18)

Muitas vezes ele chega ao ponto de reproduzir o comportamento desviado até mesmo para chamar a atenção ou para provocar os grupos estabelecidos. Dessa forma esse segundo indivíduo torna-se mais livre do que o primeiro que precisa estar em constante vigilância para se manter em conformidade com as normas e gerir a manutenção do seu prestígio como membro do grupo.

2.6 Fofoca, narrativa e entretenimento.

Nem sempre a fofoca tem objetivos conscientes. Muitas vezes fofoca-se simplesmente pelo prazer de fofocar. O caráter narrativo da fofoca faz com que ela se assemelhe, em certo nível, à literatura. Através da fofoca podemos vivenciar de maneira vicária grandes fatos, transgressões que não seríamos capazes de realizar por nós mesmos, desejos reprimidos pelas sanções sociais. Tudo isso através de personagens que fazem parte do nosso cotidiano. Segundo Foster (2004, p.87):

"fofocas também podem fornecer um simples passatempo benigno para muitos, manter as comunidades unidas contra as forças da entropia social;

cimentar díades e grupos com confiança e intimidade através de divulgações privadas e reiteraões das normas, e aliviar profundo isolamento para alguns em locais remotos...”.¹⁹

Assim como histórias têm o poder de nos entreter, nos fazer mergulhar no universo dos personagens envolvidos e suas aventuras, superações, desafios etc. Através da fofoca também é possível experimentar esse mesmo tipo de sensação. Muitos autores defendem que o caráter narrativo da fofoca faz com que ela se aproxime de outras formas de narrativas as quais estamos habituados como teatro ou romances e que podemos extrair do ato de fofocar sensação de entretenimento semelhante. Nas palavras de Oliveira (2010, p.10):

“Além de pensar as narrativas como relatos nos quais se verifica alguma forma de organização lógica temporal e/ou causal que organiza a exposição e o encadeamento dos fatos e eventos ali narrados, outras características são fundamentais para descrevê-las. Nelas pode-se perceber, invariavelmente, uma descrição de fatos na qual personagens interagem na forma de conflito e/ou cooperação, configurando tramas que se orientam pela temporalização sucessiva dos eventos e pelas causalidades cumulativas que os acompanham e que os explicam.”

Quando se trata de pessoas conhecidas existe um fator extra de excitação. Aquele indivíduo que está sendo comentado pertence ao seu círculo de convívio. Isso torna mais palpável imaginar todas as repercussões das suas transgressões. Não é incomum o interlocutor do distribuidor buscar informações sobre a reação de terceiros conhecidos que poderiam ter sido afetados pelo comportamento do alvo da fofoca.

A vivência vicária é outro fator responsável pela grande capacidade de entretenimento da fofoca. Ao comentar a transgressão de um determinado alvo, vivencia-se aquela transgressão de maneira indiretamente. É como acompanhar um personagem de um livro, eventualmente colocando-se em seu lugar e imaginando-se a viver sua história. Por um momento é como se o indivíduo, ao fofocar sobre as transgressões de um terceiro, as estivesse vivendo. Vivendo possíveis desejos inconscientes, coisas que jamais teria coragem de fazer por sua conta, principalmente pelo medo das represálias do grupo. Ao fofocar, ele pode vivê-las ainda que de maneira efêmera e indireta sem receber o julgamento tão temido. Ao “retornar à realidade” ele pode respirar aliviado (a) ao perceber que não cometeu nenhuma transgressão.

¹⁹ "gossip can also provide an uncomplicated, benign pastime for many; hold communities together against the forces of social entropy; cement dyads and groups with trust and intimacy through private disclosures and reiterations of norms; and relieve profound isolation for some in remote locations..."

Ao fococar o individuo revê as tramas naturais da sua própria vida em formato de história. Um aspecto que reforça a semelhança com as narrativas é que nelas, assim como na fofoca, é possível observar o conceito de “moral da história”, ou seja, ensinamentos, modelos de comportamento que estão implícitos.

“Da mesma forma que conflitos e tensões são fundamentais para o desenvolvimento das narrativas, eles também têm importância precípua para as atitudes conspiratórias das tramas comuns e ordinárias do nosso cotidiano que podem motivar ou serem motivadas por fofocas. Essa característica comum é o que torna a vida social semelhante às narrativas, no sentido em que boa parte dela se exprime em pequenas tramas e jogos que modelam as vivências interacionais do nosso dia-a-dia.” Oliveira (2010, p.14)

O entretenimento então é mais um entre tantas características do ato de fococar. Muitas vezes ele é, portanto, o único motivo para acionar a boataria. Além de tudo isso muitos associam a fofoca ao desabafo, ou seja, colocar pra fora questões que de alguma forma estão latentes dentro do individuo gerando assim alívio. A fofoca pode ser simplesmente um bom “quebra-gelo”, ou seja, um bom motivo para se puxar um assunto quando não se tem muito a dizer para o outro. É, para muitos, um momento de fuga da monotonia habitual.

Para Foster (2004) é desse caráter lúdico da fofoca que se valem as empresas que vendem a fofoca como produto. Apesar da fofoca sobre celebridades possuir uma série de particularidades que a diferencia das fofocas sobre pessoas conhecidas que participam da sua vida, a estrutura em linhas gerais é muito similar. Em torno da fofoca se criou uma grande indústria que fatura grandes somas todos os anos explorando principalmente a vida das personalidades famosas como esportistas, artistas, políticos e milionários.

Dissemos no início, ao definir o que seria entendido por fofoca, que ela engloba comunicação mais ou menos informal entre dois ou mais indivíduos acerca de algum terceiro elemento ausente que seja conhecido pelos participantes de forma que sua reputação ou prestígio social se coloque em questão. Agora se pode argumentar que, em geral, a maior parte das pessoas que comentam fofocas sobre celebridades na verdade nunca as conheceram, foram apresentadas, conversaram com elas ou muitas vezes tampouco as viram pessoalmente.

Entretanto, se pararmos para considerar que antigamente bastava saber certas coisas básicas sobre as pessoas, ter acesso a certas informações de sua vida e vê-la com um mínimo de frequência para poder afirmar conhecê-las. E, tendo em vista que essas celebridades são repetidamente mostradas pela mídia, diversas vezes ao dia sendo que ainda muitos aspectos de sua vida pessoal são explorados, as celebridades acabam virando o “conhecido em

comum” que todos partilham. Muitas vezes observa-se, principalmente em grandes cidades, que se sabe mais sobre a vida das celebridades do que sobre a vida de muitos dos seus vizinhos de porta. Sendo assim, apesar do indivíduo não ter o contato direto com o artista, ele sente que o conhece o suficiente para que a sensação de pertencimento característica da fofoca cumpra seu papel.

Em “Escândalos e fofocas, a incrível busca pelo novo que se repete” Martin César Tempass (2007) trata a fofoca e o escândalo como fenômenos diferentes e independentes que possuem, no entanto, estruturas quase idênticas. Todas as características da fofoca como informação, criação de vínculos, espelhamento social e entretenimento estão igualmente aparentes no fenômeno dos escândalos. Da mesma forma, o escândalo, assim como a fofoca, implica riscos à reputação do alvo.

Tomando os níveis de formação de opinião propostos por Monique Augras (1974), podemos entender também que, ao contrário de fenômenos distintos, fofoca e escândalo são o mesmo fenômeno em níveis distintos. Enquanto a fofoca circula entre o nível individual e o nível social, o escândalo é a fofoca que atingiu o nível social e pode alcançar o nível histórico como alguma decisão, como por exemplo, os casos de suspeita de corrupção em que o político, receoso de ser cassado, opta por renunciar ao cargo.

Tempass explica que, como produto, os escândalos precisam se valer de grandes transgressões para ganhar visibilidade e assim gerar as consequentes respostas que lhe são características. Ou seja, para repercutir e “vender” é preciso que a transgressão seja grande o suficiente. Além disso, para ele, os escândalos têm tempo de duração limitado, uma vez que logo “perdem a graça” a menos que sobre eles seja sempre agregados novos fatos ou revelações. “Se para o escândalo emergir é preciso uma transgressão suficientemente forte, para ele durar (e se ampliar) é preciso que as novas informações também sejam suficientemente fortes.” (TEMPAS, 2007).

Outra característica marcante é que, cada pessoa só consegue consumir uma quantidade limitada de escândalos de cada vez. Pode-se até ter conhecimento sobre muitos, mas apenas se debruçar sobre e debater uma pequena parcela deles. Por conta disso os escândalos são divididos por temas de interesse. Dessa forma, cada um escolhe quais escândalos acompanhar e debater de acordo com suas preferências individuais maximizando o entretenimento gerado.

A audiência da indústria dos escândalos depende de sempre haver personalidades notáveis para produzi-los em grande quantidade. Isso é alimentado pela indústria de famosos. Cada vez mais se produzem ídolos diversos para satisfazer a imensa necessidade de consumo de escândalos. Programas como Big Brother Brasil são exemplos dessa necessidade de produção de novas celebridades.

Se existe a busca de novas celebridades para suprir a indústria dos escândalos, certamente algumas celebridades também fazem uso dos escândalos para se manter sempre em evidência na mídia. Escândalos programados para manutenção da evidência muitas vezes são estratégia dos famosos para não cair em esquecimento. Em troca da fama, algumas personalidades notáveis vão além da exposição do seu trabalho, abrem mão da sua privacidade e expõem sua vida pessoal.

A vida pessoal da celebridade é o que interessa aos consumidores de escândalos. A vida pública das personalidades, que é aquilo que está ligado diretamente ao que faz delas celebridades, é até certo ponto previsível. Já a vida privada está repleta de mistérios e possibilidades a serem explorados (novidades, descoberta, ar de surpresa). “O exercício de “pôr-se no lugar dele” é muito mais viável no âmbito do privado do que no profissional” (TEMPASS, 2007).

Muito além de conversas informais invasivas, a fofoca tem diversas aplicações sociais e, se valendo da necessidade humana de se comparar aos seus semelhantes, juntamente com seu caráter lúdico, uma indústria se formou ao redor dessa prática. Uma indústria que por si só não resume o significado da fofoca como meio de comunicação, muito pelo contrário, se mostra como mais uma de suas diversas facetas, mas que merece atenção devido ao seu grande crescimento e alcance.

A Pesquisa Brasileira de Mídia, elaborada anualmente pela secretaria de comunicação social da presidência da república, no ano de 2014 apontou fatos interessantes que se relacionam com o objeto desse estudo. Pudemos observar que a fofoca tem vasto alcance. É difícil encontrar quem não participe do ato de fofocar, muito embora não seja tão difícil encontrar quem afirme ser essa exceção. Também muito foi falado sobre a fofoca sobre celebridades e o fascínio que desperta nas pessoas. A pesquisa confirma essa capacidade de alcance e fascínio. No que diz respeito ao veículo de comunicação “revistas impressas” a pesquisa revela que a fofoca marca forte presença. “de imediato percebe-se que, o topo da

lista é ocupado por revistas de dois segmentos bastante definidos: notícias (jornalísticas) e celebridades/fofocas.”

3 A TEORIA APLICADA: UM NOVO OLHAR

A fofoca acaba funcionando como um meio de comunicação de livre acesso e de difícil controle. Todos têm a capacidade de fofocar e é possível que de fato todos o façam.

Muitas são as funções sociais observadas no ato de fofocar, assim como ao longo do tempo muitos foram os autores que se dedicaram a estudar esse tema sem, no entanto, parecer esgotar as suas inúmeras variáveis. “Quase tantas funções foram creditadas à fofoca quanto houve escritores para sobre ela escrever” ²⁰(Rosnow, Foster; 2005 p. 77). Isso demonstra a amplitude do tema apesar de sua aparente banalidade de acordo com o senso comum. No entanto, ao mergulhar na teoria da fofoca, por muitas vezes corremos o risco de nos perder dentro de suas questões humanas. Tamanhas são as sutilezas de determinados conceitos e que, muitas vezes operam de maneira inconsciente no indivíduo, que dificultam a observação desses conceitos na prática da fofoca.

²⁰ almost as many functions of gossip have been argued as writers to write about gossip"

É interessante para uma compreensão mais profunda do tema, observá-lo em situações cotidianas já tendo absorvido a bagagem teórica e, portanto, buscando ver esses conceitos refletidos em situações reais de fofoca. Selecionei algumas situações com as quais me deparei ao longo da construção desse trabalho e que, conforme o mesmo se desenvolvia, mudavam consideravelmente de acordo com a minha percepção do tema. Situações que ganharam nova dimensão onde antes aparentemente não haveria nada além dos fatos em si para serem observados.

3.1 As manchetes de fofoca

O mundo das revistas de fofoca é um universo a parte. Assim como outros universos onde as fofocas circulam com frequência, seria possível escrever um trabalho inteiro dedicado exclusivamente a ele. Esse trabalho não pretende analisar a fundo esse universo, apenas extrair dele exemplos que nos ajudem a aplicar as teorias da fofocar apresentadas aqui. Através de algumas matérias das revistas citadas pela pesquisa brasileira de mídia como revistas mais lidas é possível vislumbrar essas teorias.

Como dito anteriormente, a indústria da fofoca sobre celebridades se vale em grande parte do seu caráter lúdico. É um passatempo acompanhar a vida pessoal das celebridades constantemente expostas na mídia. É como uma história que se desenrola paralela às realizações profissionais do famoso como a sua vida amorosa por exemplo. A comparação é outro fator marcante nas fofocas sobre celebridades, principalmente um espelhamento. Transformam as celebridades em modelos, tanto de comportamento, como de estilo de vida e aparência. É comum ver manchetes como “descubra como ter os cabelos da Giovanna Antonelli”, “Dicas para ter o corpo da Isis Valverde”. Algumas celebridades são vistas como metas (utópicas ou não) a serem perseguidas.

Às vezes a revista usa a celebridade como exemplo de como não agir, deixando implícitos (ou expostos claramente) seus valores na matéria disfarçada de informativa. Uma matéria da revista “Caras” (a segunda revista mais lida no Brasil segundo a pesquisa de mídia) citava a fragilidade do relacionamento de Ben Affleck e Jennifer Garner (casal de atores de Hollywood) por conta do vício do ator em apostar nos cassinos. A revista aparenta se resguardar em relação à opinar sobre as atitudes do ator, mas adota um tom favorável à sua esposa deixando implícito que as atitudes dele são exemplos que não devem ser seguidos.

Outra matéria falava da insatisfação do ator brasileiro Cauã Reymond com a vida amorosa da sua ex-mulher, a também atriz Grazy Massafera. É interessante apontar que a separação desse casal de atores foi marcada por uma intensa exposição midiática. As revistas, jornais, programas de televisão e páginas de internet exploraram intensamente o ocorrido para gerar pautas. Especulações sobre uma suposta traição dele com outra atriz brasileira fizeram dessa situação um prato cheio para a indústria da fofoca.

Esse caso reproduz diversas características do escândalo propostas por Tempass (2007). Primeiro temos a transgressão. A traição (real ou não) que se torna pública. Uma transgressão forte suficiente para dar pauta para um escândalo. Depois podemos citar a renovação do escândalo através de novas notícias, afinal, o tempo de duração de um escândalo é limitado. Ele pode se renovar caso novos fatos sobre ele sejam revelados. No caso, havia algum tempo que a mídia não citava a separação do casal até se valerem o suposto ciúme do ator para trazerem o assunto de volta.

A indústria da fofoca depende da constante “fabricação de celebridades”. Essa proposição de Tempass também é visível nesse caso, uma vez que a atriz Grazy Massafera foi “lançada” para o sucesso depois de participar do programa “big brother Brasil” tendo ficado entre as finalistas da sua edição do reality show. Esse tipo de programa transforma pessoas que antes não teriam visibilidade em personalidades notáveis, capazes de abastecer a intensa demanda dessa indústria.

Curioso apontar que, mesmo a fofoca em geral ser uma moderadora do prestígio social, a imagem do ator, mesmo com a traição, continuou em alta na mídia, inclusive pareceu reforçar o seu estereótipo de “galã conquistador”. Pode até ter modificado sua reputação frente à algumas pessoas, mas certamente o manteve “debaixo dos holofotes”. Isso vale para as duas outras peças dessa polêmica. Tanto a atriz Grazy Massafera quanto a atriz Isis Valverde (com quem teria ocorrido a traição), continuam em evidência na mídia. Não é a toa que, como apontado por Tempass, muitos artistas se valem dos escândalos pessoais para se promover.

A indústria da fofoca parece ter encontrado uma fórmula de sucesso em casos como esses (Famosos em evidência + Traição + Separação = Vendas). Assim como os dois casos citados acima, na mesma busca ainda constava o caso do jogador Neymar (principal jogador da Seleção brasileira em ano de Copa do Mundo no Brasil) e da atriz Bruna Marquezine (protagonista da atual novela das 9 da emissora Globo), com um igualmente lucrativo adendo

para a fórmula: “reconciliação”. Nos três casos, as revistas davam entender que as informações sobre os casais tinham como fontes amigos próximos dos mesmos que não foram identificados. Nada impede de que a própria acessória de imprensa dessas celebridades esteja por trás disso como jogada de marketing.

As celebridades com o tempo começam a aprender a lidar com o excesso de exposição e a se valer dele estrategicamente. Um caso interessante de celebridades que se valeram da indústria da fofoca para seu benefício aconteceu recentemente. O ator Reynado Giannechini e a atriz Giovanna Antonelli, formam um casal na atual novela das 9 da Globo. Esse casal, dentro da trama da novela, tem o sonho de abrir um restaurante. Na vida real, os atores se juntaram em sociedade e inauguraram um restaurante tendo como certa a repercussão desse caso na mídia e a referência aos seus personagens. Geração de mídia espontânea para um novo empreendimento.

3.2 A Rádio Corredor

Uma das formas mais comuns de fofoca é a que ocorre no ambiente de trabalho. Um funcionário ao chegar a uma empresa tem acesso somente às informações “oficiais”, ou seja, aquelas que a própria empresa divulga para ele ou as demais informações as quais qualquer um tem acesso. No entanto, existe uma rede de circulação de informações muito mais ampla através dos canais de fofoca. Rede que pode conter informações de importância estratégica para que esse funcionário se situe dentro da empresa, entenda como funcionam as relações pessoais e de trabalho entre aqueles que fazem parte da equipe, saiba melhor o que é esperado de um funcionário daquela empresa em particular, possa se posicionar para aproveitar melhores oportunidades entre outras coisas.

A fofoca dentro de empresas é tão comum que recebeu até mesmo uma denominação popular particular: “Radio-Corredor”, numa clara alusão à fofoca como meio de comunicação comparado ao rádio. É como muitos autores a ela se referem. Também existe, na fofoca corporativa, uma forte sensação de tangibilidade em relação ao conceito de memória coletiva. Cada membro da rede possui uma quantidade de informações disponíveis que pode ser agregada. Quanto mais conexões dentro dessa rede, mais acesso à memória coletiva se tem. Para ter as informações certas, é preciso ter acesso às fontes certas, estar do lado certo da rede: o lado de dentro.

Isso acontece tanto em empresas grandes quanto em empresas pequenas. Quanto maior o tamanho da empresa e o número de funcionários, a tendência é que os boatos circulem em nichos mais específicos como regionais, departamentos ou áreas. Fofocas que abrangem toda a empresa são mais comuns em empresas de pequeno porte. Isso se explica pelo fator do conhecimento. Em grandes empresas, notícias de áreas diferentes da sua podem parecer muito distantes da sua realidade e, portanto, perdem o interesse prático (exceto se ocasionarem algum prejuízo imediato ao indivíduo que ouve a fofoca) e acabam ocorrendo em menor escala se comparadas às fofocas que circulam dentro do seu nicho.

Um caso que ilustra bem a ação da “rádio corredor” ocorreu numa empresa de pequeno porte do ramo de alimentação. O nome da empresa e do empregado que relatou o caso não serão revelados aqui para preservá-los. Irei me referir a ele apenas como “o funcionário” e a ela como “a empresa”. Essa empresa contratou o empregado em questão como responsável pela implementação de ações de marketing. Contratado diretamente pela dona da empresa, ele descobriu, ao iniciar suas funções, que teria que se reportar para um gerente geral que tocava as operações e não possuía experiência ou conhecimentos específicos de marketing. Ao tentar propor novas abordagens para a empresa, esse funcionário se via constantemente esbarrando na falta de conhecimento técnico de seu gestor que, segundo ele, via suas propostas de investimento como gastos, e cobrava ações de retorno imediato. Uma das possibilidades propostas por Wert e Salovey (2004) é a de que, ao se comparar com algum superior (mais afortunado) chegar a conclusão (justificada ou não) de que ele não “merece” tal posição. Essa sensação pode provocar insatisfação e frustração com a falta de legitimidade.

Frustrado pela posição de impotência diante de um superior que julgava menos apto do que si mesmo para gerenciar a empresa, o funcionário buscou o alívio nos canais de fofoca. A princípio por prudência, ele começou a buscar outros funcionários com quem sentia mais afinidade e fazer insinuações ambíguas no intuito de testar as suas opiniões. Ao sentir que os outros correspondiam nas conversas privadas, os temas ficavam mais abertos e as fofocas sobre o superior ficavam mais frequentes e menos maquiadas.

Isso pode ser visto como uma quebra na espiral do silêncio. Testando o interlocutor o funcionário conseguiu perceber que sua opinião, até então isolada, não estava tão destoante da opinião do grupo (no caso, grupo de funcionários dessa empresa) quanto ele imaginava. Isso fez com que ele se sentisse mais seguro para arriscar mostrar mais sua opinião. Rapidamente descobriu que, na verdade, muitos outros funcionários tinham uma visão semelhante do gestor

alvo da fofoca e não compartilhavam com ele por medo de que, por ter sido contratado para trabalhar diretamente com o alvo das fofocas, pudesse fazer parte do “outro grupo”, ou seja, o consideravam um “outsider” conseqüentemente excluindo-o dos canais de fofoca.

Dessa forma o funcionário acabou se inserindo no grupo de fofoca e através delas fez diversas amizades dentro da empresa (criação de laços). Todos comentavam entre si o quanto o gestor era “sem jeito” e o que cada um faria em seu lugar. As atitudes do gestor acabaram se tornando o parâmetro de “como não agir dentro desse grupo”. Se alguém demonstrasse algum comportamento semelhante ao criticado no gestor era imediatamente repreendido pelos demais com frases como “tá até parecendo fulano (chefe)” em tom de aviso, geralmente seguido por uma retratação por parte do “infrator”.

Junto com a criação de laços veio o acesso à memória coletiva daquele grupo. Os mais antigos na empresa passaram a lhe fornecer informações sobre histórias ocorridas antes de sua contratação; ou mesmo posteriores ocorridas longe da sua presença. Muitas delas eram contadas dentro de um contexto de obtenção de informações estratégicas enquanto outras eram relatadas apenas pela diversão de fofocar. Após alguns meses, o horário de saída do chefe (saía um pouco antes dos demais funcionários) virou um horário tradicional do “cafezinho”, no qual os funcionários fofocavam. O prazer de contar longas histórias sobre terceiros evidencia o caráter lúdico da fofoca e também seu formato de narrativa.

Em uma determinada conversa, um entregador da empresa reclamava para o funcionário sobre um suposto preconceito do patrão para consigo. Segundo ele o patrão fazia fofoca dele na qual o acusava de “fazer corpo mole” e demorar de propósito nas entregas, parando em outros locais no caminho para passar o tempo. Ao ser questionado pelo funcionário sobre o fundamento dessas acusações do patrão ele obteve a seguinte resposta: “Eu não fazia nada disso. Entregava e voltava direto. Se demorava era porque entrego alimentos e é preciso ter cuidado no transporte para não estragar tudo. Mas não adianta mesmo fazer as coisas direito que ele não vê. Então hoje eu enrolo mesmo que pelo menos ele tem razão pra falar o que fala.”.

Nessa afirmação do entregador aparece o conceito da profecia que se auto cumpre. Ao ser constantemente bombardeado de acusações feitas pelo patrão, o entregador desistiu de se comportar da maneira que imaginava ser dele esperada, uma vez que agir dessa forma não lhe protegia das acusações de qualquer forma. Como, por razões específicas dessa empresa, gozava de certa segurança no emprego, passou a agir exatamente da maneira que acreditava

que falavam dele. Confirmando o que falavam sobre ele. A consequência se misturando com a suposta causa e legitimando o discurso da fofoca.

Quando o funcionário já se encontrava estabelecido na empresa, surgiu um novo funcionário que havia chegado para assumir um cargo acima do seu atual gestor. Esse novo colaborador da empresa de imediato se mostrou tecnicamente mais capaz e propenso a rever todos os processos dentro da empresa. Para o funcionário de marketing, isso era uma grande oportunidade de melhoria das condições de trabalho. Houve então uma aproximação entre os dois, o funcionário aproveitou a oportunidade para passar a esse novo colaborador todos os projetos anteriormente propostos que foram negligenciados. Isso gerou um grande revés para o funcionário uma vez que foi percebido pelo seu gestor e interpretado como uma espécie de traição. Daí em diante o gestor começou a boicotar ainda mais o funcionário e usar da fofoca para denegrir seu desempenho profissional diante da dona da empresa.

Rapidamente os canais de fofoca foram ativados e a memória coletiva acionada através da fofoca. O novo colaborador, na verdade, era um antigo colaborador. Esteve na empresa nos primórdios da sua criação. Se tratava do ex-marido da dona da empresa e se afastou quando houve o rompimento. Segundo os funcionários mais antigos, na época da separação a empresa foi palco de diversas brigas do casal. O motivo do término teria sido uma traição cometida por ele. Vários episódios foram revividos dentro da rede de fofoca para ilustrar (vivência vicária). Os fofoqueiros se perguntavam se o casal havia reatado e também o quão estável seria essa relação profissional.

Em pouco tempo veio a resposta. Ao mesmo tempo em que a entrada do ex-marido representava novas oportunidades para o funcionário, ele também foi imediatamente colocado no meio de uma disputa de poder e influência entre seu gestor e o novo colaborador. Além de ser obrigado a presenciar diversas brigas de casal que transbordavam para o nível profissional. Acontece que o casal não havia reatado, entretanto parecia apto a reviver as brigas do passado. O antigo gestor se aproveitou dessa percepção para reaver seu espaço à custa dos desentendimentos entre a dona e seu ex-marido. Nota-se que, apesar de o relator desse caso tenha sido o funcionário do marketing, fica evidente que havia também outro ou até mesmo outros grupos de fofoca e que o gestor, também possuía o seu e se valia dele no caso usando-o para se auto promover.

O funcionário descreveu a situação da empresa como uma constante queda de braço travada nos bastidores onde a fofoca era um fator determinante para obtenção de vantagens

competitivas. A competição pelo poder entre o gestor e o ex-marido da dona se tornou o centro das discussões nos canais informais da empresa. Os funcionários se sentiam inseguros sobre o futuro da corporação e isso se refletia em aumento da incidência de fofoca. Como vimos, a fofoca é mais propensa a ocorrer em ambientes onde há alto grau de ansiedade e insegurança.

A partir do caso dessa empresa, e tenho certeza de que em muitos casos similares, surge um conceito interessante em relação à fofoca e à informação. Ela pode, em muitos casos, ser a única fonte de informações estratégicas ou diferenciais num processo de disputa por poder. Afinal, informações que todos possuem, por si só não geram vantagem competitiva. A forma como cada um usa a informação que é comum a todos pode ser diferente e pode fazer a diferença. Mas enquanto informação, aquela que pode ser considerada diferencial de fato, ou estratégica, é aquela que se obtém e sobre a qual o seu adversário na disputa não tem conhecimento.

Esse tipo de informação pode ser adquirida através da fofoca e, para isso é preciso não apenas estar inserido dentro das redes pelas quais a informação circula mas também ter o maior acesso possível a outros participantes dessa rede. Quanto mais “informantes potenciais” e quanto mais prestígio o indivíduo tiver dentro do grupo melhor. Maior é a capacidade da memória coletiva e maior é a propensão de receber informações. O prestígio também é fundamental ao disseminar conceitos e informações e ao moldar certas “normas do grupo”.

Mas há outros casos menos pitorescos em que a fofoca exerce uma função ainda mais perniciosas: o caso de um linchamento público.

3.3 O caso Fabiane

No decorrer da produção desse trabalho, uma triste notícia ganhou as manchetes das principais páginas e portais dos maiores jornais do país e invadiu as mídias sociais gerando um intenso debate. Fabiane, uma mulher de 33 anos morta por espancamento em São Paulo. Segundo relatos, mais de cem pessoas participaram do espancamento. O motivo: circulava um boato de que essa mulher sequestrava crianças para a prática de rituais de magia negra. Tudo começou numa página na internet de notícias locais, onde um retrato falado foi postado para alertar os moradores. Esse retrato falado, como foi esclarecido depois, foi feito em 2012 no Rio de Janeiro numa circunstância completamente distinta. Tratava-se de uma informação inverossímil. Os moradores da região acharam que a mulher retratada era Fabiane e fizeram

essa notícia circular. Quando a vítima se deparou com a multidão inflamada, foi brutalmente atacada.

Acerca dessa notícia muito poderia ser dito. As interpretações do acontecido tocam diversos pontos de atenção da nossa sociedade e mais especificamente da realidade nacional e local. No entanto, para a discussão desse trabalho, será limitado a tratar apenas do que diz respeito à influência da fofoca nesse processo e como as teorias estudadas se aplicam à situação.

O ponto de partida é a suposta transgressão. A transgressão foi o motivador da fofoca. Quanto mais desviante, distante dos parâmetros do grupo for a transgressão, mais força de proliferação tem a notícia. Ao longo do trabalho, umas das características da fofoca mais evidenciadas pelos autores foi a da censura social. A função de manutenção das regras, normas e valores de cada grupo. Em geral, ao cometer uma transgressão e virar alvo de fofocas, os alvos têm seu prestígio diminuído. Ficou evidente que, dentro daquela comunidade, sequestrar crianças para a prática da magia negra é uma transgressão extrema aos valores e normas defendidos. Suficiente para gerar uma movimentação do grupo que, não apenas falou mal, não apenas excluiu a transgressora, o caso excedeu os limites da palavra e a repressão do grupo atingiu o nível da agressão física através do linchamento público.

A mulher em questão provavelmente não estava profundamente incluída no círculo social daquelas pessoas. A sua configuração como “outsider” é sugerida pela ausência de indivíduos do grupo que tenham se prontificado em desmentir os boatos. Além disso, em entrevista ao jornal, o marido da vítima afirma que, ao ver as filmagens, não identificou nenhum conhecido agredindo sua esposa. É provável também que a reputação dela dentro daquela comunidade não fosse muito privilegiada. Como vimos anteriormente, a adesão à fofoca e a credibilidade que se dá à informação variam bastante de acordo com o prestígio do alvo. Um alvo que goze de grande prestígio dentro de determinado grupo tende a ser defendido por seus membros. “Fulano não faria isso. Isso não parece coisa dele”. Nas palavras de Claudia Fonseca (ANO), “a reputação é importante, pois ela define os “bons cidadãos” da vila, os que são dignos de serem incluídos na rede de ajuda e proteção mútua”.

Talvez o fator mais assustador de todo esse episódio, e volto a dizer que não estou avaliando outras questões sociais e políticas envolvidas nesse acontecimento, foi o fato de a mulher ser inocente das acusações às quais foi exposta. Tratava-se apenas de uma mãe de família, com marido e duas filhas. Foi atacada por uma multidão enfurecida sem sequer ter

tido direito a defesa, fosse física ou ideológica. Um retrato falado, feito anos antes e com similaridade duvidosa em relação à vítima foi postado numa página de internet. Daí em diante, a notícia circulou pelos canais de fofoca e os moradores da região acreditaram na veracidade das informações. Não importou o fato de a mulher ser inocente e da fofoca ser mentirosa. Uma vez que os moradores acreditaram, a fofoca se tornou real para suas consequências práticas, ou seja, quem acredita na fofoca, dali em diante age como agiria se aquela informação fosse verdadeira como proposto no Teorema de Thomas ou nos níveis de opinião de Augras.

É de se imaginar que, não sendo nenhuma multidão homogênea, havia entre os agressores pessoas com diversas opiniões e possivelmente diferentes interpretações sobre os acontecimentos que estavam ocorrendo. Muitos moradores inclusive deram entrevista posteriormente alegando que desaprovaram a ação que presenciaram sem, no entanto interferir, uma vez que, “não havia nada que se pudesse fazer”. No momento da agressão, é possível que muitos que estivessem contra o ocorrido tenham se calado diante do fervor daqueles mais agitados a favor da agressão. Observa-se aí a ação da espiral do silêncio de Noelle-Neumann. Os indivíduos, cientes de uma opinião majoritária e aparentemente fervorosa, calaram suas opiniões individuais e, conseqüentemente, pareceram fazer coro aos que defendiam o linchamento. Reforçando a ideia de que a opinião seria unânime. O que se observou nas filmagens foi uma multidão, agindo como um só.

Mesmo entre aqueles que condenavam a suposta prática da mulher e defendiam punições para a mesma, espancar uma pessoa até a morte é uma atitude extrema. Talvez individualmente nenhum daqueles moradores fosse capaz de executar tal tarefa, mesmo sendo defensor das normas do grupo. Daí é possível traçar um paralelo com a questão da assertividade do indivíduo de julgar quais são de fato as posições dominantes do grupo e a tendência à polarização ao extremo. Ainda que nenhum dos indivíduos ali presente fosse capaz de levar a transgressão até as últimas consequências sozinho, enquanto grupo a percepção dos indivíduos sobre o tamanho da transgressão e sobre as supostas posturas esperadas como membro do grupo levaram.

Pode parecer que este trabalho trate a fofoca como algo inofensivo, mas fica claro após este caso que ela é um meio de comunicação ambíguo que varia muito em relação a cada contexto na ocorre. Feita de maneira leviana ela é perigosa e pode ter consequências terríveis como no caso Fabiana. Pode ser usada por indivíduos que pretendem apenas se beneficiar

dela. Isto não exclui sua importância social, mas mostra que assim como outros meios de comunicação a forma como ela é utilizada pode ser o fator que diferencia a fofoca construtiva (aquela que busca informações, comparações e criações de vínculos) da destrutiva (aquela usada para autopromoção em detrimento do outro ou espalhar boatos potencialmente destrutivos apenas por ócio)

Estas ilustrações são apenas algumas das inúmeras possibilidades das situações da fofoca. A ideia aqui foi tentar discutir as teorias levando-as para um universo prático, cotidiano e mais tangível, assim como apontar possíveis novos desdobramentos. Ainda há muito a ser estudado sobre a fofoca.

4 METODOLOGIA

A metodologia adotada foi a revisão bibliográfica. Muitos escritores tomaram a fofoca como objeto de estudo ao longo dos anos. Psicólogos, antropólogos e cientistas sociais propuseram diversas características e funções sociais. A análise desses conceitos, a aplicação deles em situações reais e proposição de novos a fim de desmitificar esse meio de comunicação.

O primeiro passo foi tentar identificar a importância da fofoca para a sociedade. Para isso foram determinantes os estudos de Robin Dumbar sobre a fofoca como possível traço evolutivo e os compilados de Eric K Foster em “*Research on gossip: taxonomy, methods and future directions*” trabalho no qual ele agrupa informações de estudos de diversos autores do tema incluindo importantes dados quantitativos sobre a quantidade de tempo que as pessoas passam imersas na prática da fofoca e as dificuldades a serem vencidas para o estudo mais aprofundado desse tema. Evidenciar a fofoca como importante canal de comunicação foi então o ponto de partida para o desenvolvimento desse trabalho.

Outra necessidade nesse trabalho foi buscar entender os motivos que levaram a fofoca à uma posição marginalizada apesar de sua grande importância. Para esse tópico foram usados

recortes de diversos autores que, em seus trabalhos deixaram em aberto algumas possibilidades.

A partir daí, se mostrou necessária a busca pelas motivações da escolha da fofoca como meio e as funções que a distinguem dos demais. De novo o trabalho de Foster se mostrou valioso e orientou os principais usos da fofoca. Nesse mesmo sentido o trabalho de Sarah Wert e Peter Salovey, “*A social comparison account of gossip*” foi essencial para demonstrar os anseios humanos que nos levam a precisar lançar mão do artifício da fofoca para construirmos nossa própria identidade e nos reconhecermos como membros de determinados grupos.

Ao falar em grupos, Norbert Elias e John Scotson apresentaram uma visão etnográfica com seu trabalho “os estabelecidos e os outsiders”, fruto de quase três anos de pesquisa numa aldeia que renomearam de Winston Parva. Nesse trabalho os autores evidenciam a noção de quem está inserido nos grupos e quem está excluído dos mesmos e como a fofoca funciona como fator ratificador dos valores e normas do grupo, seja através do exemplo louvável na fofoca boa (chamada pelos autores de “*praise gossip*”) ou na censura às transgressões típica da fofoca ruim (“*blame gossip*”). Também trouxeram a observação sobre as profecias que se auto-cumprem, uma possibilidade dos alvos de constantes fofocas se libertarem da necessidade de seguir as normas e se entregarem às transgressões, muitas vezes até mesmo como forma de provocação.

O aspecto narrativo da fofoca é bastante explorado no texto: “Sociologia da fofoca: Notas sobre uma forma de narrativa do cotidiano” de Pedro Paulo de Oliveira. É uma visão interessante que complementa o pensamento das diversas funções sociais da fofoca, apresentando as semelhanças com a estrutura narrativa e principalmente o aspecto lúdico da prática de fofocar sem que precise existir necessariamente qualquer outra motivação especial para o ato que não seja o entretenimento de contar uma história e, desta forma, vivenciá-la na imaginação.

Esse aspecto lúdico encaixa perfeitamente com a indústria que se formou ao redor das fofocas de celebridades. Tema explorado por Martín César Tempass em “Escândalos e fofocas: a incrível busca pelo novo que se repete”. No texto o autor trata das características particulares dos escândalos, a fascinação que causam nas pessoas e na capacidade que tem de caracterizar um produto vendável.

Outros autores são importantes para reforçar os conceitos acima ou para trazer uma nova visão que ajude a melhor compreensão do tema como fazer associação entre a fofoca e os níveis de formação de opinião propostos por Monique Augras ou a teoria da espiral do silêncio proposta por Noelle-Neumann.

Por fim, buscar a ajuda dos autores novamente e empregar seus conceitos em situações cotidianas para tangibilizar tudo que foi discutido para derrubar o conceito popular depreciado da fofoca e enfim ajudar a vislumbrar a necessidade de estudos mais específicos sobre o tema no futuro.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atual imagem social da fofoca não faz justiça nem ao seu freqüente uso, nem à sua importância para o desenvolvimento da sociedade. Trata-se de um meio de comunicação pelo qual, muito possivelmente, circula diariamente uma quantidade de informações muito maior do que qualquer outro. Informações de diversos tipos, com diversos propósitos, bons e ruins e que podem ter conseqüências igualmente divididas.

É possível que esse tipo de comunicação tenha sido primordial para a existência e desenvolvimento de grandes grupos como apontado por Dunbar (2004). Essa necessidade de conhecer aqueles que não retribuem para o desenvolvimento do coletivo permanece atualmente e a fofoca é um importante meio para identificá-los.

A fofoca pode ser considerada invasiva tanto quanto se pode dizer que ela evita o constrangimento de confrontos diretos. Seu papel de policiamento social está intimamente ligado à sua capacidade de manter os grupos coesos. É comum que os membros de determinado grupo façam parte de outros grupos também. Normas que se aplicam a um grupo não necessariamente se aplicam a outros. Qualquer pessoa em seu nível individual pode se sentir inclinada à cometer transgressões para os padrões do seu grupo que não seriam transgressões em um outro grupo. A fofoca, portanto tem a ver com o sentimento de pertencimento e de identificação com aquele grupo. Mesmo a censura da fofoca é relativa.

Alguns autores como Wert e Salovey propõem uma divisão entre a fofoca boa (*praise gossip*) e a fofoca ruim (*blame gossip*) dividindo-as de acordo com o conteúdo sobre o alvo ser positivo ou negativo. Particularmente acredito na divisão entre fofoca responsável e fofoca leviana (ou construtiva e destrutiva), uma vez que, reconhecidos os seus papéis sociais, reconhecida a idéia de que todos em algum momento participamos da sua prática e, principalmente, reconhecida a necessidade humana de busca de informações e comparações que sejam capazes de ajudar no entendimento e na colocação do indivíduo dentro do seu contexto, não há como pensar que esse indivíduo deveria abrir mão de fofocar. No entanto, assim como qualquer outro meio de comunicação, seu uso pode gerar conseqüências boas e ruins de acordo com a forma que é manuseada.

A má reputação da fofoca é um produto do medo do seu poder e ignora o benefício gerado a partir dela. Há quem diga que informação é poder, e que informações privilegiadas são ainda mais poderosas, visto que essas sim podem ser usadas de maneira estratégica. A informação que todos possuem é básica enquanto aquela que circula apenas em

certos nichos pode sim ser determinante. A fofoca pode fornecer informações que não seriam obtidas a partir de nenhum outro canal de comunicação.

O apelo desse tipo de comunicação é inegável. Basta um olhar sobre a indústria que se construiu ao redor dessa prática. O fascínio das pessoas pelos escândalos, rumores e celebridades. A fofoca está em todos os lugares. No ambiente de trabalho, nas relações afetivas, sejam de amizade ou amorosas, está no público e no privado.

Existe, portanto uma necessidade de que sejam feitos mais estudos sobre esse tema. Muitas questões ainda estão abertas especialmente em relação às métricas da fofoca. Outro fator pouco explorado pelos autores que se dedicam ao tema é a questão da relação de poder envolvida na troca da fofoca. Fala-se do seu poder de censura e de reafirmação dos valores do grupo exaustivamente, cita-se seu poder como moeda de troca, mas sobre o momento da troca é preciso que sejam feitas mais análises.

Existe ali qualquer implicação de obrigações entre as partes. Aquele que distribui a informação se coloca numa posição superior de possuir um conhecimento privilegiado e, ao fofocar, se propõe a compartilhar aquele conhecimento com outra pessoa. Mesmo que em nível inconsciente deve haver aí implícita uma obrigação por parte do interlocutor de preservar a fonte de informação de qualquer consequência proveniente da disseminação da mesma, ou de que a informação em si seja preservada ou mesmo que exista reciprocidade de troca no caso de se possuir informações pelas quais o distribuidor possa se interessar.

É extremamente difícil tentar reproduzir situações de fofoca longe do ambiente natural onde elas ocorreriam e muito difícil estar presente no exato momento que ocorre do ponto de vista da pesquisa científica que busca gerar resultados responsáveis. Como é uma prática mal vista, as pessoas tendem a não responder sinceramente sobre o tema, muitas vezes movidas por suas próprias censuras morais. Os estudos sobre o tema precisam evoluir, mas talvez, para isso, seja necessária uma quebra de estereótipo. Uma desmistificação da fofoca para além do senso comum.

Apesar de tantos aspectos importantes, a fofoca geralmente é acompanhada pelo sentimento de culpa. Pelo seu caráter marginalizado ou mesmo pela sensação de que a fofoca por si só pode quebrar as normas que busca defender. Por isso a fofoca está sempre acompanhada de certa ambivalência e tem a capacidade de gerar tanta culpa quanto alívio. Não é uma questão de dizer que a fofoca é boa ou ruim. Ela é tão importante quanto perigosa. Essa prática está sempre repleta dessa atmosfera dúbia. Todos fazem, todos condenam. Falamos sobre outros e nos aterrorizamos em pensar que falem sobre nós. A fofoca é vista como muitas coisas menos como o que realmente é: algo humano. Algo natural.

REFERÊNCIAS

AUGRAS, Monique, Opinião pública. Petrópolis, Vozes, 1970.

BESNIER Niko, 1996: Gossip. In Encyclopedia of Cultural Anthropology. David Levinson and Melvin Ember, eds. Vol. 2, pp. 544–547. New York: Henry Holt.

DUMBAR, R. I. M. (2004). Gossip in evolutionary perspective. Review of General Psychology

ELIAS, Norbert, & SCOTSON, John (2000) Os estabelecidos e os outsiders

FONSECA, Claudia (2004) Família fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares

FOSTER, Eric K. (2004) Research on gossip: Taxonomy, methods and future directions. Review of General Psychology

MCANDREW, Frank T. (2009) A sedução da fofoca. *Mente e Cérebro*, ano XVI, n. 194, pp. 36-43.

MCANDREW, Frank T., BELL, Emily K. e GARCIA, Contitta Maria (2007) Who do we tell and whom do we tell on? Gossip as Strategy for Status Enhancement. *Journal of applied Social psychology*

NOELLE-NEUMANN, Elisabeth (1993) *The Spiral of Silence: Public Opinion- Our Social Skin*, 2nd ed.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de, (2010) *Sociologia da fofoca: Notas sobre uma forma de narrativa do cotidiano*

Pesquisa Brasileira de mídia 2014 – Ministério da Comunicação Social

ROSNOW, Ralph L. & FOSTER, Eric K. (2005) Rumor and gossip research

TEMPASS . Escândalos e fofocas: a incrível busca pelo novo que se repete. *Teoria & Sociedade* (UFMG), v. 15.1, p. 118-145, 2007.

WERT, S. R., & SALOVEY, P. (2004). A social comparison account of gossip. *Review of General Psychology*

ANEXO 01

Você está aqui: [celebridades](#) / [Notícias](#)

NOTÍCIAS

13 de Maio de 2014 | 00:14

Cauã Reymond está incomodado com relacionamento de Grazi Massafera, diz jornal

O ator teria ficado descontente ao saber que a ex-esposa pode estar de novo affair

[Enviar por e-mail](#) [Compartilhar em](#) [Imprimir](#)

Da Redação

[f](#) [t](#) [p](#) [g+](#) [✉](#)



UOL [Assine](#) [Sua conta](#) [Sua](#) [Bate-papo](#) [E-mail](#) [Notícias](#) [Esporte](#) [Entretenimento](#) [Mulher](#)

CARAS

RED CARPET LIFESTYLE BEAUTY FAMÍLIA CULTURA VÍDEOS

HORÓSCOPO DIA DAS MÃES TENDÊNCIAS DE MODA

Por [CARAS Digital](#) 7 dias atrás

Casamento de Ben Affleck e Jennifer Garner estaria ameaçado por vício do ator em cassinos

Juntos, os atores têm três filhos: Violet, Seraphina e Samuel



globo.com notícias esportes entretenimento vídeos ASS

MENU G1 SANTOS E REGIÃO

05/05/2014 09:44 - Atualizado em 05/05/2014 10:13

Mulher espancada após boatos em rede social morre em Guarujá, SP

Ela foi agredida após ser acusada de praticar magia negra com crianças. Moradores registraram vídeos mostrando a agressão e postaram na web.

Martane Rossi
Do G1 Santos

2129 comentários 2144 65 mil



A dona de casa Fabiane Maria de Jesus, de 33 anos, morreu na manhã desta segunda-feira (5), dois dias após ter sido **espancada por dezenas de moradores** de Guarujá, no litoral de São Paulo. Segundo a família, ela foi agredida a partir de **um boato gerado por uma página em uma rede social** que afirmava que a dona de casa sequestrava crianças para utilizá-las em rituais de magia negra.

De acordo com familiares de Fabiane, após as agressões, ela sofreu traumatismo craniano e foi internada em estado crítico no Hospital Santo Amaro, também em **Guarujá**. Minutos após a agressão, a Polícia Militar chegou a isolar o corpo de Fabiane acreditando que ela estava morta após o espancamento. Na manhã desta segunda-feira, porém, a família recebeu a informação de que Fabiane não resistiu aos ferimentos e morreu.

Mulher morreu após ser espancada em Guarujá (Foto: Arquivo Pessoal)

PUBLICIDADE

BL

Santos veja tu

Popula municipi

HÁ 1 HO

Santos profiss

HÁ 3 HO

Vigia é no terr

<http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2014/05/mulher-espancada-apos-boatos-em-rede-social-morre-em-guaruja-sp.html>